

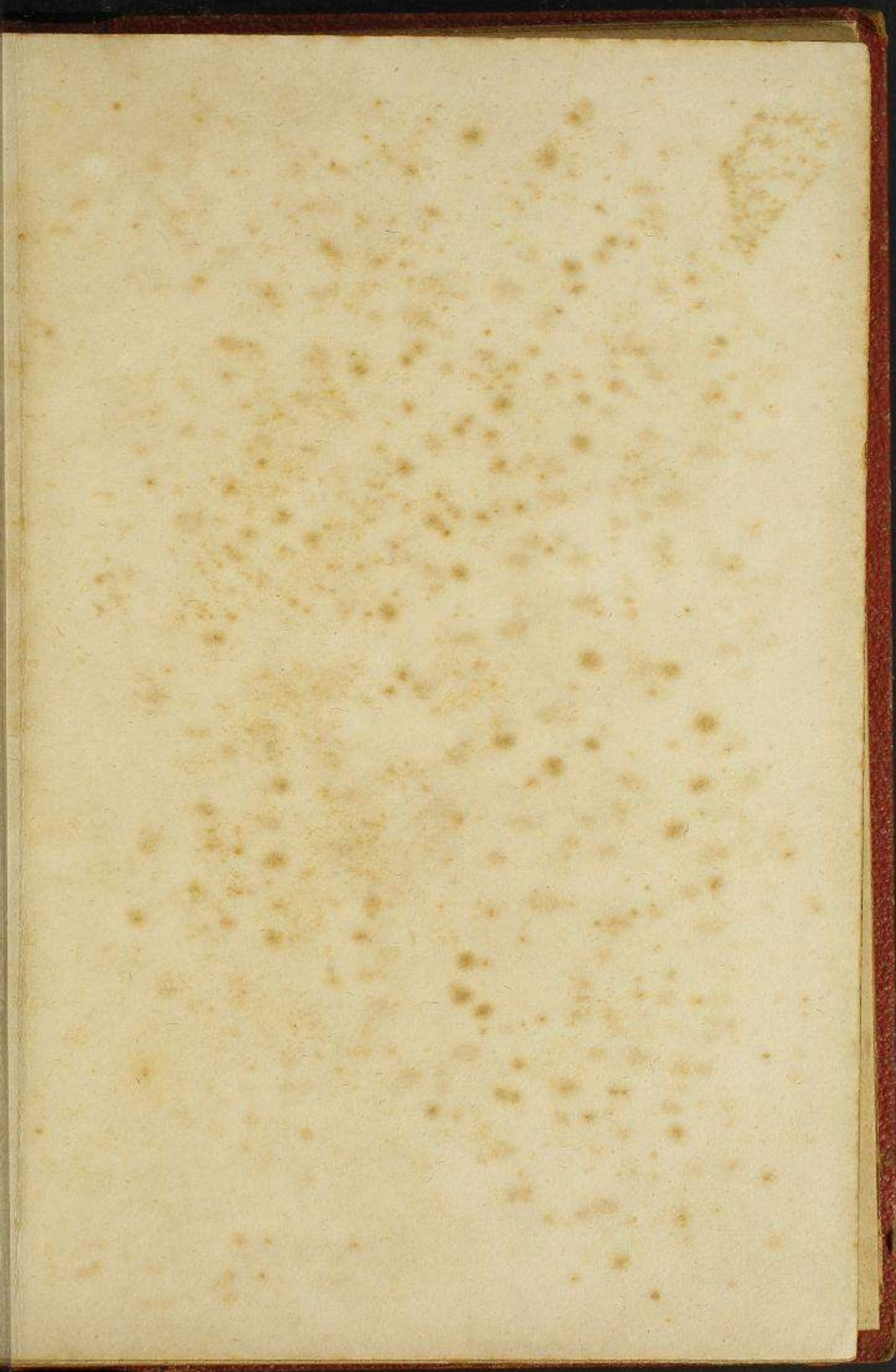
NOVO EDEN

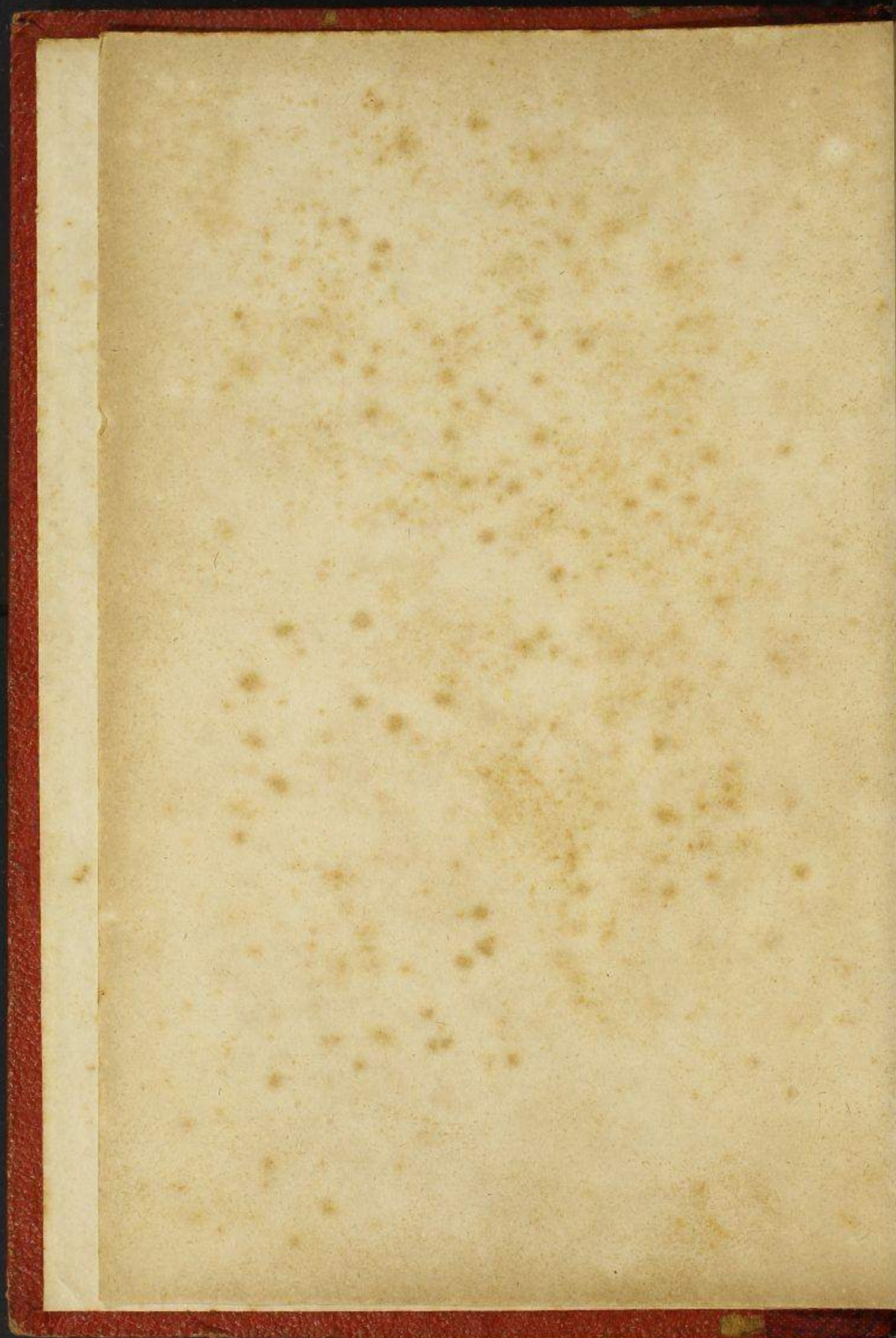
le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin





NOVO EDEN

POEMETO DA ADOLESCENCIA

POR

Joaquim de Souza Andrade

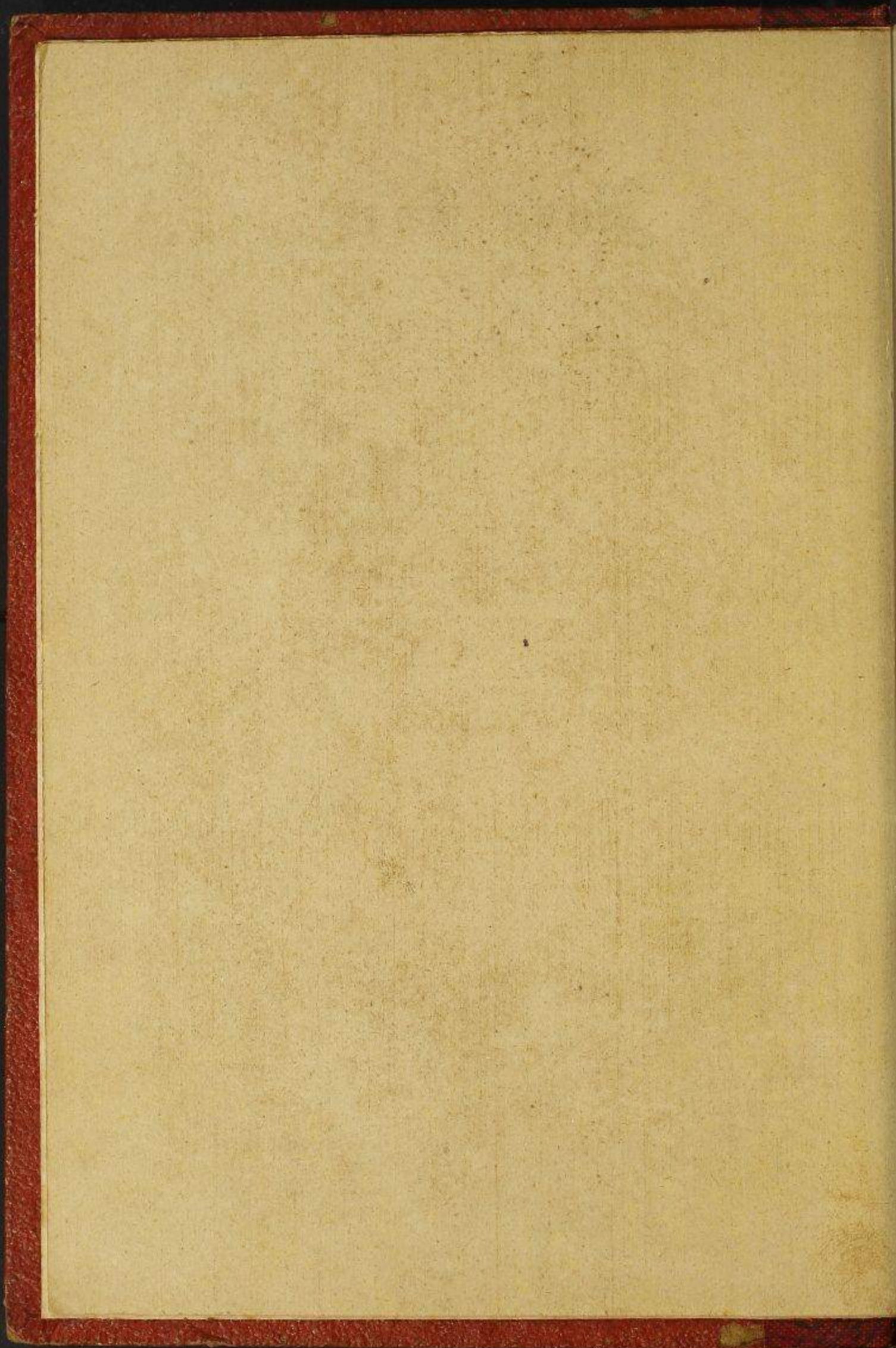
1888—1889



MARANHÃO

Typ. a vapor de João d'Aguiar Almeida & C.

1893



Nova Eden.

Benedixitque illis Deus, et ait: Crescite et multiplicamini... de ligno autem scientia boni et mali ne comedas. In quocumque enim die comederis ex eo, morte morieris. Cap. I, v. 28; II, v. 17.

Dixit autem serpens ad mulierem: nequaquam morte moriemini. Scit enim Deus quod in quocumque die comederitis ex eo, aperientur oculi vestri, et eritis sicut dii, scientes bonum et malum... Cap. III v. 4, 5.

...nunc ergo ne forte mittat manum suam, et sumat etiam de ligno vitæ, et comedat, et vivat in æternum. Et emisit eum Dominus Deus de paradiso voluptatis... et collocavit ante paradysum voluptatis Cherubim et flammeum gladium atque versatilem, ad custodiendam viam ligni vitæ... v. 22, 23, 24.

Adam vero cognovit uxorem suam Hevam: quæ concepit et peperit Cain, dicens: Possedi hominem per Deum. cap. IV, v. 1.

Continuou Deus dizendo...

Eu porei o meu arco nas nuvens, e elle será o signal do concerto entre mim e a terra.

E não tornará mais a haver diluvio...

Cap. IX v. 12, 13, 15. GENESIS.

Primeiro dia

Paraisal duan *d'in principio*, rindo
N'aurora a Creação: a terra aureo verder;
Os troncos scintillando em fructos; meigo e lindo
Verbo amar, nos jardins, crescendo—a branca flor!
O homem na adolescencia a presentir a sciencia,
Temor do coração, que atarda e incanta a união;
E Serpens *callidior* das moitas de violeta,
Dos anjos com o olhar, de Sâtan co'a veneta
Ante a menor divina, ante Eva ainda menina;
Deus *ad auram*: da luz feita a revolução,
Que o diluvio apagou (passado, d'onde a esp'rança
Dos ceus dentro sorriu nos arcos d'alliança),

Faz-se novo Eden.

Sons d'amphionea lyra:
O horizonte doirara; e o que do umbror saíra,
As calmas da Thessalia estando a descansar
E á coroa dos lauréis sempre o maior cuidado,
Niobe do rochedo a houvesse amarrotado,
Genesis idyllio viu de sciencia: o doce altar
De uma doirada estrella, um lirio-luz, tão puro,
E livre e sciente e doce, e na metamorphose,
Os ceus do astro polar! Canta, canta o futuro,
Oh, silenciosa Musa!

E rindo aureo o cantar:
Fórmãs, seculo-vinte, além do dezenove
Dos telephonios sons em que Eddison nos ouve!
Dos relampagos-luz, bella electricidade,
Pestanejar de Jove, em fixa claridade!
Do animal-magnetismo e o Deus-vivo occultismo!
Do telescopio, olhar p'ra os ceus com Flammarion
E os admirar com Kant qual a moral, e vezés
Choral-os mortalmente—ai Vesper de Phaon!
Do esbrazeamento Eiffel, torre-hymnos marselhezes!
Do sino de São-Paulo, orgulho dos Inglezes,
Liberty-Bell rachado ao «incendio» d'Albion!
Qual Brazil ao Cruzeiro, adissechens serpentes
Contra Libertas, Deus! e o eterno Tiradentes
Que a noite secular desperta co'o meteoro,
Do exercito senhor, que envia em bem, Deodoro
O grande braço, unido á sublimada fronte
De Benjamin, (o ideal d'America ao horizonte),
De paz guerreiro maior que o marcio Napoleon,
Que onde ha revoluções a flores, liberdade
Proclama á luz social, inverso da vaidade
Que em livre principiando, acaba em Waterloo!
Oh! da humana erupção riram, a Tempestade,
Orco-Vesuvio, o Etna, e só não riu-se Job
Cidadão victorioso! E ao fructo da Republica,
A virgem que ha cem annos 'spera-o d'entre arcanos,
E em gloria o Novembral, o seu novo Eden fez:
Promettida Chanaan—da nova patria a rúbrica
Assigna e entra, na fé, qual não entrou Moysés:
Supremos campos de oiro, Iris formosa e pudica
E os ceus peruleo-azues manhaes.

—Era uma vez...

(Dá lua-nova abraço ao rubro sol-ocaso;
Contempla a terra ao quadro, o amor que está no espaço,
A gloria do occidente, o leito azul d'esta hora
D'aquelle arco de luz, que faz incantadora
Doirada paz e quer: Lucifer a adorar

A Deus, nos de açucena e de saphira e rosa
Sagrados novos ceus)...

—Estava Helé ditosa
(Phosphoro aureo que brilha ao limpido riscar
E da familia alegre o coração, da casa
Accende e é a existencia d'essa primeira braza
Que ás alvas mesas manda a refeição do lar):

Radiosos carros—quão ruidoso o alpendre!
Cavallos negros, em fogueira os olhos;
Ao em torno o clarão, nos ceus nocturnos,
De altaneiras janellas em sanefas
Alcachofradas de oiro, regolfando
Rolando ao largo da mansão longeva
Euphratea d'Ara; e os roseirae errantes:
Qual Great-Eastern a proa para a Australia,
Vapor a trovejar, radia as rodas,
Parado monumento, em meio oceano
Leviathan colossal, o cabo electrico
Soltando, vanzeiando, e os passageiros
As bordas accorrendo, tal o povo,
Dos noivos ledo vendo a entrada. Em tanto,
Noite, á voda auroral inteira noite
Os compassados instrumentos puros
Nos reluzentes crystallinos tectos,
Sonoras vibrações longas reboavam.

Era um costume, a noite dos fulgores,
Do *rendezvous* dos sonhos, todos vindo
Realidades trazer aos que os sonharam:
Genios ridentes, do ar, do iris das flores,
Das sombras mysteriosas, dos carinhos
Luzes divinas, fórmulas incantadas
Que estão dos deuzes creadores n'alma
Splendindo, até que á aurora abrissem coroas
Dos roseos esponsaes, miragens d'Edem:
Como era bella a noite dos fulgores!

Oh! mocidade! e tu do albor da vida,
Doce primeira flor, murta odorante
Hérmeo serviço das paixões que nascem,
Paradisios festins da natureza
E eterno assumpto d'esmeraldeas lyras
D'*in principio*, eternamente infundas...
—Ai de Cassandra! recebeu de Apollo
Linda prenda de amor. Se ella enganara
Ao Deus da luz: oh! não façais, ó bellas,
Qual a infeliz em quem ninguem mais crera!

Antes de neve o floco incandescente
 Que halos fez-se de luz e ardeu nos ares . . .
 Por vós o coração gritando: ao firmamento
 Carregado de orvalho, abri as doces rosas,
 Dos seios-ceus abri os lírios virginaes!
 Se heis crenças em verdade e amor o pensamento,
 (Sentido! amor amor!) grinaldas gloriosas
 Sobre a fronte haveis; morreis, se duvidaes,
 Que é o adeus d'azas de rola o adeus de nunca mais!
 —E sois o amor, e sois a omnipotencia:
 Dançai, dos montes ao redor, dos anjos
 Co'as rútilas estrellas, as mãos dadas,
 A dança planetar! os lírios dançam
 Acariciando aragens; e dançando
 Vividas ondas serpenteiam, saltam—
 Oh, de crystal as lípidas barquinhas
 Pelas curvas dos rios, n'uns cantares,
 N'uns suspiros de graças, que lembranças
 Dão rindo ás rectidões que não se curvam!
 Das crateras nas rosas dançam chammas
 De sagrado Vesúvio zona-torrída
 Cinctos da madre terra. Oh, mocidade!
 Vós, que da carne em flor sois os esmaltes,
 Sois os brilhantes pelos ceus doideando,
 Alimentando os ceus que vos devoram,
 Que em breve tempo a cinzas vos revertem;
 Vós, coração em sangue, olhos em lumes
 Nos alheios thesoiros que s'escondem
 Lá nas occultas, nas celestes vivas
 Estellíferas urnas oiro-puro,
 Olhos . . . glorioso Deus! Oh, mocidade!
 Cegueira angelical da infancia d'Eva,
 Doce estação primaveril-edenea
 Das auroras, da esp'rança, a flor, os ninhos,
 Ninhos tão alvos reflectindo ás aguas
 Do Euphrates, margens lucidas verdosas,
 De Amida a Bir, d'El-Deir á Babylonia,
 E os distantes rochedos separados,
 E os castellos feudaes—

Flávio carissimo,
 Paraphrases aqui bordando fóras,
 Tela risonha a matizar de auroras
 Assim:

Rheno, na agua
 Teus berghs, tuas villas,
 Paragens tranquillias,
 Mirando-se estão:
 E da horrida frágoa

E os mysticos ermos
 Os threnos infermos
 Enchendo a soidão:
 E os veus das ondinas,
 As brancas neblinas
 Cobrindo o castello
 Que eleva-se além,
 Terrível no vulto
 Phantastico, occulto
 Num ceu... auribello
 Que ao plectro convem!

Pois, se edenea é a minha «Evangelina»
 De nome Helena; se o meu rio é bíblico,
 De lucto co' os luctuosos... E prosigô.

—O duan da Creação: fôra-lhe o melhor titulo
 Ao em dias seis creado: e «uns deuses» sendo nós;
 Portanto, o creador, sem miltonos celiculos,
 Vai ao través alar de um novo Eden a vós:
 Fórmis, bella nudez (pobreza de *toilette*,
 Dirão), no abysmo-amor em luz o coração:
 Homens, deixem seguir todo o que os ceus reflecte
 Das glorias a opulencia—oh, o ideal milhão!

Plutus! Éolo? na lyra eu ponho chordas
 Sonoras de oiro virgem, que Fortuna
 Não assopra da terra: Taurus! Euphrates!
 E esse rhythmo incantado, formosissimo
 Das perolas dos fins, qual um presente
 Que, afirmando um passado, alembra a esperança
 Meigo porvir, artistico; ou heróicos
 Não rhymados, andantes cavalleiros,
 Homeros que dormitam, que não dormem
 Horacios; Deus! ou tragicos bradando
 Quando, o Lóndon, da america Odyssea
 (Emquanto o bando vil dos timoratos
 A' cinza ardia) os raios, mais eternos
 Qual de Capella eternos resplendores,
 Pelas provas do fogo, «scentelhavam»!

Mas, da sciencia a musica á hora intrepida
 Edenal do porvir... *L'Avenir!* fôra
 Um barco marselhez, que ao predestino
 Mau laram genios do Quarenta-e-oito,
 A vingança educando ao novo mundo—
 Tempos dos «Miseraveis» e as «Cabanas»
 Das escravas meninas, *Vale, Topsy!*

Quando os Bardos aos reis diziam: o throno
Ruirá por terra, se dos sons da lyra
Amparado não for. E os reis caíram.

Que de idas éras recordo d'imagens
Não despertam muralhas ruinosas!
Ao longo as ondas correm-lhes e os tempos
Incessantes lhes voam, no silencio
Demolidas dos Persas, ou das noites
No manto d'ebano estrellado, ou quando
Saltava-as, sol que salta do horizonte,
O magnanimo Arsácida Tiridato
Fugindo d'Ardeschir!...

A mansão d'Ara,

Sem rangerem portões nos bronzeos gonzos
Nem ver-se luz nem gente, e o sol batendo
Nos pequeninos vidros multicores,
Era malassombrada. Os que passavam,
Evitando-a, dizer baixinho haviam:
«Astros doirados! Fogo de Zoroastro!»
Para passarem: té n'aquella noite
D'esta illuminação, vista na Armenia,
Que os dias edenaes volta aos fulgores.

Do novo Eden os ceus brilhando, Nnethe
Conta do antediluvio a historia á Heleura:
—«Doce Armenia! sorrir de gozo á entrada,
«D'onde á saída d'Eden soluçavam
«Nossoz primeiros paes: feliz estância
«Dos jardins de delicia, o homem crescendo,
«Comendo figos, a brincar nas sombras,
«Entre as zoonias fôrmas primitivas,
«Co'os ursos e os leões ainda inoffensos,
«Parelhas co'a girafa adonzellada,
«E ao sol, nas espumosas claras fontes
«A adorar Eva nua, que se banha
«Rindo, ignara e tão pura e tão divina,
«Nas ondas de crystal, onda ondulando,
«Na aurea innocência! e os coraçoes tão doces
«Vibrando, n'esse estar na eternidade
«Em vida, nivea carne, sã, rosada!

«Mundo, março; Scaligero, de oitubro:
«Correspondendo á data em que os seis dias,
«Das tardes e as manhans ia fazendo
«O Senhor Deus. Creado estava o mundo;
«Casal formoso humano adolescente,
«Por fim: da terra a flor, dos ceus o orvalho.

«E se quereis saber como Deus fez a bella,
 «Foi assim: um botão de luz-dianthea-rosa
 «Pondo em sagrado lar e logo um coração
 «Transformando-o, Elle diz: Resplende, aurea e singela!
 «Crê e tem fé!—Só isto. A mesma gloriosa
 «Forma, das nuvens fez, dos ceus da aurora, Adão:
 «Orvalho á terrea flor, da face etherea o suor.

«Manhans d'Eden: unidos, longe-olhando
 «O sol divinamente joven, fúlgidos
 «Viventes raios do grande olho eterno
 «Aos olhos d'elles vindo, que não cegam,
 «Mas os recebem, e aos affectos candidos
 «Retribuem, tão candidos, qual partes
 «Da Natureza toda, na sua gloria,
 «Illuminada matinal, estavam:
 «Ora, ao clarão obscuros, vêm fluctuando.
 «Do solar reverbera, á cima innúmeras
 «Rodas gloriosas, púrpuras, scarlatas,
 «Nos verdejantes ares . . . E ouvem rosas . . .
 «E o homem: Cantam, divina! olha-as abrindo!
 «Que maravilha! quem as abre? Elle? . . . Elle!
 «Mãos invisiveis d'Elle! . . . que d'incantos!
 «Se presente Elle está, meiga, adoremos
 «A Deus que está presente!—Sancto! Sancto!

«Das entranhas da terra nascem— Olha
 «Coim' aos ceus ergue a terra os-seus louvores!
 «Qual esses vivos que em teus seios brilham,
 «Astros de amor! e da campina angelicas,
 «Tomando-as Deus, nas mãos abre-as: olha uma
 «Que toda estolha rescendendo aromas . . .
 «E a mulher: O tremor glorioso e mesmo
 «Abrindo eu sinto interno— ao lado esquerdo
 «Põe, força, a tua mão! aqui! se é d'Elle,
 «Se n'Elle estamos, se com Elle somos—
 «Oh, adoremos!—Sancto! Sancto! Sancto!

«Como a soidão de dois carece da trindade!
 «Não prole: mas, o pae, o amparo, a piedade
 «Que é o guia, é o umbral da vida e da prudencia;
 «Que, se não, ides ver, desgarrá-se a existencia.
 «Tão naturaes crescendo as edeninas almas:
 «Ao segundo preceito, eis que se alteiam palmas!

«Noivos. A' sesta os dois adormecidos,
 «Tão fraternos, tão candidos, tão puros,

«Ao lado um do outro, os genios d'innocencia,
 «De força humana e de nobreza: ainda
 «Adolescentes, que á natura edenea
 «Crescessem bellos e multiplicassem;
 «A aura edenal os ramos s'embalando;
 «A sombra afortunada: acontecera
 «Eva perder o somno. Era menina;
 «Não sabia o que tinha; desejava
 «E sem saber o que—tanto era o enlevo:
 «Paraisal! Ora, a Adão que alli resomna
 «Tranquillamente, tão tranquillamente,
 «Ella, n'um braço a fronte alevantando,
 «Se poz a contemplar, toda amorosa,
 «Enamorados ceus, um firmamento
 «Mais crystallino do que a luz do dia,
 «Sua alma, e dentro Adão, só; e dormindo
 «Resplendente de gloria e juventude
 «O contemplava, alli, toda amorosa,
 «Toda encantada—e afflicta e presa— presa
 «Acucena que ás brisas mais s'eleva
 «Quanto a segura mais o solo: e tanto,
 «Té que, s'erguendo, sem destino, andara.

«E ao natural illuminismo d'Eden,
 «Eva sorrindo aos pombos que beijavam-se,
 «Quando a columba humilha-se divina,
 «Quando o torquaz s'encerpa rutilante...
 «Lá dança beijaflor dos ceus nos ares,
 «Do sol nos raios de zenith suspenso...
 «—Que doce Evinha!—Adão chamou, diz ella.
 «Oh, a sapphira trémula das aguas!
 «A alada gotta azul! no espaço immenso!
 «Multidão d'existencias pre-sentia
 «Nos ceus de si, d'estrellas interiores
 «Que n'ella existem, dentro lhes scintillam
 «E gritam pela luz. E andando, e andando;
 «Sonora, a desarmar laços-serpentes;
 «Um qual sol deslumbrante a circumdava,
 «Nimbo sagrado, em que ella vive e que eram
 «Do homem os pensamentos a seguindo
 «Nas sombras, nas clareiras. Nua, bella,
 «A sós, meio dos grandes resplendores,
 «Os cabellos ondeosos lhe doirando
 «Do marmor branco o dorso refulgente
 «Que sfulgia em fagulhas, sempre andando
 «E andando: no Eden o astro irradiava!

«Inebriada aos perfumes quentes da hora,
 «Aos suspiros ethereos— que imprudencia!
 «Deixar a noiva ao noivo seu, que dorme
 «Sozinho, e ir-se erramunda a andar á toa!

«Tanto andou que, perdida e dando voltas,
 «Veiu... ao mesmo logar d'onde saira.
 «Sorriu piedosa ao ver que despertara
 «O dorminhoco, e já fazendo agora
 «Camas de frescas rosas incarnadas
 «Colhidas mesmo d'onde nasce o oiro,
 «D'ellas seiva, do Phiso á borda, olentes
 «De fazerem loucura. A' roda as árvores
 «S'esgalhando, a da vida; e a da sciencia,
 «Quão luminosa! gulodices d'Eden.
 «Adão que acena, o cerebro glorioso
 «D'Eva brilha punctuancolos diamantes:
 «E um pomo feito luz, lirio que incende
 «Ao sol, vem vindo: e scintillante e fúlgida
 «Ella; elle grande e illuminado e trémulo
 «Beija-lhe a bocca dos evanos risos,
 «Co'o braço esquerdo enlaça o alvoreo cincto,
 «Qual ao través de um iris d'alliança
 «Penetrando serpente no paraíso,
 «Inclinando-a nas rosas. Tão ingenua,
 «Tão sem juiso, tão risonha, exposta,
 «Indifferente, fria, oh! como estava
 «Deliciosa Eva!... Ora, um relampago
 «Dos ceus toda a cegou. Amortecera,
 «Porque é mortal a sensação dos gozos
 «Ignorados: na luz, tétana, livida,
 «Favo de mel que um raio acceso esmaga,
 «Os sentidos perdeu.

«Olhos fechados,
 «Da que prostrada nos jardins escuta
 «Dos passarinhos o concerto innúmero,
 «Da virgem terra aos naturaes halentos,
 «Dos sons á intensa gloria: ella os ouvia
 «Glacial, morta, os longes longe-ignotos
 «Nunca ouvidos cantares, que diziam:
 «São olhos teus a eterna transparencia,
 «Profundo azul ideal dos firmamentos,
 «As nuvens brancas o teu collo branco;
 «São beijafleres da doirada America,
 «Estes raios do sol são teus cabellos,
 «Namorada de Adão!—Silenciosa,
 «Doce, mortal, calada, adormecida.

«Eva, languidamente abrindo os olhos;
 «Do torpor amoroso, s'espreguiça
 «Melliflua, murmurando:—o mal—... tão meiga
 «Sorrindo ás rosas que ao redor cantavam!
 «A esse edeneo murmúrio lhe illumina
 «A bocca em flor:—o bem—que era o thesoiro
 «Da apaixonada d'esse beijo de ouro;
 «Esse que, dizem, põe o sello d'alma
 «A' gratidão do amor entre suspiros:
 «Oh! bemaventurado eternamente
 «Quem n'esse instante s'encontrar verídico!

«Receios toda, Eva assentou-se, ao modo
 «Que a mulher é do lar sagrado assento;
 «Assentada, olhos mudos, veladora
 «Do esposo seu ao lado, o completando.
 «Porém, não via a Adão! . . . Pensou: não beijos
 «A bocca aberta dos noivados risos. . .
 «—Abraçou-a, dobrado o cincto alvoreo,
 «Inclinando-a nas rosas! . . e deixal-a? . . .
 «Ella o deixou também quando dormia...
 «—Eleleleu! eleleleu!—Distante
 «Serpentes assobiavam; anjos passam
 «Em desvairado voar; geme-lhe o ventre;
 «E ella tem medo: —Adão! Adão! esposo!
 «Ai de mim! ai de mim!—Eva tremia.
 «Ou sonhara, pensou ainda, co'as rosas? . . .
 «Lembra: quando a chamara Adão, já estava
 «Ella cansada, e á sombra ia assentar-se;
 «Tanta fome! no chão, qual cornelina,
 «Fructo avistou luzente, como caem
 «Temporãos, e tão lindo, ella o comera
 «E adormecera logo entre aureos sonhos.
 «Então viu, a sentir-se toda tonta,
 «Que o doce fructo, de Jehovah prohibido,
 «Era por verde ainda venenoso:
 «Doe-lhe o estomago; e creu-se morta. Os sonhos...
 «Tantas miragens no Eden!... sempre, sempre
 «Via-o depois de um sonho: e como agora
 «Aos sentidos lhe vinha esta folhada?
 «Debalde, os bellos olhos grande-abertos
 «Percorrendo ao redor, a Adão não viam.

«Levanta-se Eva: e follas velludas
 «Umbrando-lhe a cinctura: alva, alta, lucida
 «Andou direita: aurea figueira andando,
 «Sisuda, linda...

«—Oh!...—vé longe o marido

«Nu!... as faces lhe arderam de vergonha.
 «Adão colhia os favos aromosos
 «De mel paradisiaco, os máis loiros
 «Cachos d'uvas passentas. Merendaram.
 «E Adão não dera pela falta d'Eva.

«Da sesta conjugal, do mal já feito
 «O rosto pudibundo, Eva incantava:
 «Magnetizou ao homem. Atordoando;
 «Já das sciencias visão sagrada: noite
 «De vigílias ditosas, vendo os astros,
 «Des que o d'Eva escondeu-se, agora os vendo
 «N'ella luzir, que alli lhe dorme ao lado
 «Estendida no edeneo chão, divina
 «Coruscante de alvor.

«Dia seguinte:

«Oh, que formoso dia d'Eden! rosas
 «Toda a terra; sol grande, illuminando
 «Aureo o espaço; esplendor os arvoredos;
 «Ceruleo o ethereal, a divindade
 «Da alma feliz amante; o noivo, a esposa.
 «Porém, sem que um ao outro s'entendessem,
 «Ella á nudez, nem elle aquellas cintas.
 «Além d'isto, gemendo os horizontes,
 «Que em alegre trinar amanheciam,
 «Ais as rolas do amor, angústia as fontes:
 «Coração principiava; os ceus doiam.

«Porém, quando aos perfumes quentes da hora
 «E ás brisas do Senhor, caindo as calmas,
 «A's sestas meridianas convidavam,
 «Ella, ella rindo, as rosas acamando,
 «De ánimo: as de hontem—Deus! tão incarnadas!
 «Colhidas mesmo d'onde nasce o oiro,
 «D'ellas seiva, do Phiso á borda, olentes
 «De fazerem loucura... E s'inclinando—
 «Quão innocentemente ella beijava
 «O amado seu, a Adão, como aprendera
 «De Adão! E na existencia riam-se, ambos,
 «Sem denúncias da terra, tão felizes,
 «Quando os ceus trovejaram...

«Stava negro

«Adão traído d'Eva.—Deus!... viu Sérpens!
 «A trindade os matava, sonhos d'Eva:
 «Apartou d'Eva o olhar; e emmudeceu.

«Hontem... p'ra que falara a edeneu bocca?
 «Aos risos celestiaes, o seu thesoiro,

«Mais que os rubis do Cantico dos Canticos,
 «Mais que a fragrançia dos preciosos nardos,
 «Mais do que as phrases do consolo brandas,
 «Ou raios da verdade—o seu thesoiro,
 «O maior, é o silencio ! e Eva falara.

«Susurro interior de terremoto—
 «Dos cumes d'altos gelos que os envolvem,
 «Qual um vulcão que repentino irrompe,
 «Do homem o peito entumecendo, o eterno
 «Rugido então soltou, Troya e Calvario,
 «Troya incendiada e em sangue ardendo o Golgotha:
 «O rugido achilleu, a que estremecem
 «Cadáveres e as moscas esvoaçam,
 «Quando, a lyra deixada, morto o amigo,
 «Louco, e rouco de pranto, o heroe terrivel
 «Resplendendo vingança entrou na guerra !
 «O rugido christão, a que se rasgam
 «Templos, trevas, quando o Homem-Deus perdido
 «Bradou da cruz, pendendo a fronte pallida !
 «Rugido-Adão, ao qual, trovões echoando,
 «Os ceus fechando, respondiam: morte !

«Grasnaram corvos; lobos devoravam
 «O candido cordeiro e ás brancas aves
 «Os abutres nos ceus. Mas, ao espectaculo
 «De sangue e horror, Adão tornou-se um homem:
 «Defendia a Eva, ao collo crystallino,
 «Porque á cintura as folhas defendiam.
 «E desperto das sanctas ignorancias,
 «Já co'o thyroideo nó, que tem-lhe o nome
 «Que vem do rubro pomo que engasgara;
 «E estando ao resplendor de um sol sublime,
 «A piedade o tomou, que exalta os moços,
 «E esqueceu-se da «morte». A-am-r que arrulha,
 «Flor argentea d'yucca, se tremia,
 «Dos espinhos fazendo umas agulhas,
 «Folhando o figueiral fraldões cosia.

«No amor-proprio ofendido... ao pensamento
 «Viera o duello a Adão, entre elle e Sérpens
 «(O de vida e de morte principiava),
 «E antes que Deus viesse a tomar contas,
 «Strangular a innodata e elle com ella,
 «Ella Desdemoninha flor de negro,
 «Para o inferno ! melhores Deus creasse.
 «E rugia mortifero, impiedoso !
 «Eva ?... as aureas madeixas arrancava,

«Oiro edenal (e eis d'onde essa prudencia
 «De haverem dote as noivas que se amparam;
 «Dote em sempre-vivo oiro), que envolvera-o.
 «Mas, aos odios funestos (ai do escravo
 «Da honra!) o homem deixara, desde o instante,
 «A adolescencia: cil-o um varão! barbára!
 «Espinhou-se-lhe o mento em qual brazeiro,
 «Que tambem arrancava.—Ceus!... foi quando
 «Dos ceus o interrompeu cherub:

—Agora...

«(E Adão bem viu que ha invisiveis, esses
 «Que vão aos ceus contar o que fazemos)
 «Oh—paciencia de Deus—! pelles vestidas,
 «Carnes comidas que teem fome e frio,
 «Co'o fructo do saber, ó vós fermentos,
 «P'ra fóra do paraiso! das sciencias
 «Arvore, é o trabalho, é o pranto .. Choram?
 «D'ella, sombra havereis, coitados!»

—Nnethe?...

—Lembras Theseu, Argiva? a rhodea Déndritis?...

—Exclama Heleura, e então?—

«Vê-se, menina,

«Claro claro, que Deus perdoaria
 «A' ignorante glutona aquelle equívoco
 «Destazendo o que fez Serpens, batendo-o;
 «Mas, de consciencia contra a natureza;
 «Sobre as fórmas eburneas tão divinas
 «Vinhedo artificioso, que provoca
 «Escondendo o alvo altar da formosura
 «(A Adão fazer insomnias, que, não vendo,
 «Sonha-o, por modos mil, que se desvia,
 «N'uma onda de crystal, n'uns aureos ninhos,
 «N'uma açucena-luz) ?... que Deus proclama
 «Do puro amor aos sacrificios, d'onde
 «Em tanta glória nasce a humanidade:
 «Não tem perdão! E o pejo ainda, qual roubo
 «Feito a coisas alheias. . Fóra do Eden
 «Que vá nascer Caïn, o primogenito
 «E primeiro assassino sobre a terra,
 «De taes cinctas nascer, atro, invejoso,
 «Por não do esposo Adão, mas d'homem *Serpens!*

«Mas, a mulher á dor reerguida e a lagrymas,
 «Dos ceus com que Deus cura todas penas,
 «Na alma o arrependimento, promettera
 «Firme: co'o lindo pé, que ao longe errara,
 «Esmagar a cabeça da serpente!

«—Da existencia nò oceano, em fundas âncoras,
 «Barcas de salvação já seguravam. . .
 «—E houve fructo prohibido; e ha bella esquiva;
 «Paixão feroz; românticos negocios;
 «Ha, que naturalisam, Venus, Flora;
 «Ou que hão lucros-venenos, que dão morte
 «Divorciando a união d'almas consortes?»

S'interrompendo então Nnethe ciconia
 —Palavra e prata, mas silencio é oiro—
 Se Heleura: Ondé? onde fóra? Ihe pergunta
 (E Helé temendo que não fosse Lucifer),
 «Lá! responde da-lyra-a-última-chorda,
 «Lá onde, entre o astro e o sol, retinje aurora!

—Nnethe? «A' outra faladeira
 «Jove cortou a lingua,
 «Que os natos deuses Lares
 «Guardassem no silencio
 «A casa, sombra e paz;
 «Menos cruel que Jehova',
 «Tambem pae de familia,
 «Dos Edens não enxota;
 «A lingua, porém, zas!

«A lingua, a rósea phrase,
 «O sal, o canto, o mel,
 «Quem a deprava, perde-a:
 «Ai triste mãe dos Lares,
 «Porque da intriga o fel?
 «Vingança feminina!
 «Contra rival ditosa,
 «Ou ver do deus a esposa
 «Quebrar d'alliança o anel?

«Rasão tem andorinha
 «Vingando a rouxinol;
 «Grita, Progne estivinha!
 «Canta, Philomela, ao sol!

«O edeneo par: uns grandes de treze annos;
 «Pelo ar errando um zero, addicionou-se
 «Ao treze: cento e trinta; que diziam
 «Da vida paraisal—oh, o chimereó
 «Zero traidor! E o número o mais limpido
 «De transição, da infancia á puberdade,
 «Logo a ficar de mau agoiro—o treze!»

Era a idade de Heleura: e d'Eva á historia
Virgens templos resoavam de Memoria.

«Versatil Cherubim do paraiso á defeza,
«Gladio eterno de fogo, estava silencioso:
«Oh, quem lhe visse o aspecto, e a luz e a solidão
«Que vibrava do olhar! ao olhar riso-tristeza
«D'Eva, ao Eden o adeus, sem lagrymas, saudoso,
•De quem se despedia! e soluçava Adão.

«Banidos do paraiso: olhando para tras,
«D'espelho que se parte o relampagueamento
•D'estampido seguido e que cegueira faz
«Que d'alma a dor profunda apaga no momento,
«Viram... um lago! ao longe... um monte!... nada mais.

«Jam pensando: essa onda...o monte...o ceu que estronda...
«Quem d'essa agua a desgraça?...quem d'esse monte a graça?..

«Já era o pôr do sol: cansados do caminho,
«Eva chorando, o abrolho, o cardo, a urtiga, o espinho,
«Rastos dos pés sangrando: unidos se deitaram
•Sem mais o incanto edeneo... Amar? aos ceus olharam:
«Os astros em fulgor, suas fronte em suor;
«Travesseiro? uma pedra. E os astros sempre rindo!...
«Foi quando Prometheus não poudo mais; e trouxe
«Dos ceus scentelha: e ao fogo o homem que aqueitou-se;
«Toda tristeza ante elle, os olhos reluzindo
«Meiga, mortal, callada: ao collo da mulher,
•No Eden do amor, o lar cosmopolita, achou-se
«Imagem de Deus uno, á carne rosicler;
«Fôrma flor, fôrma ceus, pára-olhos e pára-almas,
«Da Creação o amor em gemeos, dois amores,
«Corpos vibrantes dois, duas psychicas palmas
«Os corações em luz, carnariums, sangues, dores
«E o ideal Prometheus, a ideal imagem-Deus.

«A' moral da humildade descomposta,
«Moral do exposto amor que é ternamente,
«Que é o impudor moral d'onde resulta
«O incanto dos recatos: mais felizes
«A coroa hymeneal tristes cingiram.

«Sobre o Caucasó ergueu-se o busto glorioso
«Da lua Mene aos ceus, raça e astro mysterioso
«D'Eva: ella a contemplou saudosa, rotas coroas
«Da alegria edenal, Gansos grasnaram loas,

«Na immensidão dos ceus prendiam Prometheus.
 «Redonda e clara a lua, o ethereo oceano em luz,
 «Do Caspio ao Negro mar pairava sobre o Elburz.

«Mas, compondo-se meiga, Eva achara a consciencia:
 «Mulher nobre-senhora, ou a mulher-demencia;
 «Ou gloria ao esposo-deus, ou ao diabo camafeus;
 «Ou mãe da humanidade, ou do homem sepultura.
 «Não houvesse peccado: ella nem mais ventura
 «Quizera ser... cair! E se deixou de rir.
 «E ante cancro lunar a flor de humanidade,
 «Que é Deus punindo a flor de edenea divindade,
 «Resignou-se a guardar seus lares em silencio:
 «E do mysterio inferno houve prestigio immenso.

«Finda a innocencia: principia a sciencia;
 «Quem era paraíso, é mãe agora;
 «E os corações representando sexos,
 «Eis o gladio de fogo adeante do Eden:
 «Morrem! ou vencem! ha constancia a gloria—
 «Erro d'Inglez fez Milton, no paraíso
 «Compondo o leito nupcial, artistico;
 «Um Eden de verão *grecia-Erin*, o homem
 «(Mais p'ra alcançar do que p'ra perder Eden)
 «Qual o devera ser com a senhora
 «Ruralisando e muito bem casados,
 «Fortes de Deus, que quer os homens sabios,
 «Que não oiçam mulher satanizada;
 «Deixem-n'a, guardem fé; porquanto, o Eterno,
 «Outra, não da costella, outra mais bella
 «Lhes formará do coração—

«Egressos

«Do Eden, foi, travesseiro a pedra e o leito
 «Entre abrolhos e espinhos, que os esposos
 «Casaram consolando-se: que apenas
 «Adolescencia, puberdade, sonhos,
 «Ainda nas mãos de Deus se perfazendo
 «Nevosos copos do alvo seio d'Eva,
 «Risos, auroras, nos jardins houveram
 «De delicias, que teem da divindade,
 «Que Deus não deu ao irracional d'instinctos,
 «Ao qual mandou procrear sem rir nem sciencia.
 «Fosse Eva madre e Adão virilidade,
 «Não cairiam; mas, tão jovens... deuses!
 «Serpens fazendo espelho; Eva, ao reflexo:—vida!
 «Limões-diamantes! figo!—E vermelhão tingida...
 «Aberto o olhar: occorrem-lhe *toilettes*,
 «E despertar Adão, que abra bem olhos

«P'ra a terra, em vez de aos ceus somente olhando:
 «Feminil garridice após delirios; o homem
 «Consternado aos de Deus fructos, que não se comem
 «Temporãos—eram reus, ouvindo *ad auram* Deus.

.....
 «Co'a sentença de morte aos innocentes
 «E que o fructo em licção dos ceus continha,
 «Quiz holocausto o coração dos que amam,
 «E do eterno holocausto os ceus abriram-se.»
 De Heleura o virgem templo de Memoria
 Continuava a resoar longinqua historia

.....
 «Tal, perdida a innocencia; forasteiros
 «(Porque as chuvas das nuvens principiavam
 «Medindo-lhes 'stações ás longas lavras
 «E que ensinam aos homens, dado o tempo,
 «Rev'luções naturaes de paz com flores):
 «Como dois corrupiões que fazem ninho,
 «Desgraçados estão edificando
 «A primeira choupana sobre a terra.

.....
 «—Nem casa no paraíso havia... alembram,
 «Tanto natura edenea agasalhava!
 «—Que palacio incantado a Natureza!
 «O edificio de Deus, da terra e os ceus!
 «E a vida eterna e o doce enlévo amigo!
 «E o coração... que esta palhoça esmaga:
 «Onde a primeira dor materna e onde
 «O primeiro vagido, em Deus echoando,
 «Nasceu Gain; e aerólitho cairá
 «Indicando o architecto urbano, a que hão de
 «Enochias s'elevantar por todo o mundo,
 «Mecas, Jerusalems, Romas-Cybeles—
 «E trabalhando, suavam: nem trabalho,
 «Consolo da esperanza e o desespero;
 «E o suor, bello orvalho á flor do rosto,
 «Lá era o riso divinal. Se houveram
 «Delinquido—que os astros fossem gottas
 «De adamantinas luzes... De repente
 «Cae trovoada; e todos resfriaram.
 «—Ora, yuccas gloriosas prateiassem,
 «E com que Adão cosia no paraíso,
 «Elle em matar quadrupedes, somente
 «Já pensa, comer carnes, vestir pelles.

.....
 «Assentados á porta da choupana
 «Sentiam nossos paes toda a violencia

«Do banimento: Eis a hora em que adoramos !
 «Árvores eram duas mysteriosas,
 «Do paraiso os divinos sustentaculos:
 «Sem ser por sciencia nem por vida, rindo
 «Cresciamos em Deus; hoje, á tristeza.
 «Serpens apenas de uma fructos deu-nos;
 «Metteu medo Jehovah—*morrem, se comem!*—
 «E Serpens quanto fez, nós o soffremos:
 «Talvez, d'Elle ao perdão .. que era o seu Lucifer;
 «E nós, materia vil... baniu-nos d'Eden,
 «Para que não comessemos da Vida
 «Tambem, qual da Sciencia nós comemos;
 «Pois, comessemos, nós não morreriamos:
 «Antidoto saudavel, Deus negou-nos.
 «E a mulher: Olha as pétalas polposas
 «Quão mellifluas enrugam-se, desmaiam,
 «Caem das invisiveis mãos e morrem,
 «Que não morriam no Eden! fóra do Eden,
 «Morte fez a tristeza... Força: o Interno
 «Que é árvore de Vida, de alimento
 «Que sustém, se deixar-nos, cairemos
 «Qual estas?... devorou-as! devorou-as!
 «E a nós?... Os pensamentos, longe d'Eden,
 «Todos tornam-se em dúvidas... balançam!
 «E os ceus tudo devoram d'esta terra,
 «A fomesura, a flor, de que alimentam-se—
 «Deus está ahí!.. eu tremo qual *ad auram*;
 «E as ideas são Deus; e cada um vivo
 «Revela-as do character... oh, revela-as...
 «Quanto n'elle ha de Deus-Interno, aromas
 «D'esta flor que desfolha e vai passando
 «Do natural scenario.—O homem ainda:
 «Troveja; ai cega minha, dos relampagos
 «Estes clarões, que lá não te cegavam
 «E que ora é d'Elle a luz ameaçadora,
 «A de Cherub espada reflectindo,
 «Adoremos !... Vem, cega e doce d'alma,
 «Desespéro e consolo e idolatria,
 «Qual as estrellas, beija-me! suspira-me
 «Qual os pombos arrulham ternamente
 «Olhos de roxo vinho descerrando
 «Dos ceus gloria !... alimente a nós, longevos,
 «De gloria alimentados, viveremos!
 «Aos do Eterno relampagos-olhares,
 «Teus firmamentos abrirão abysmos
 «Qual sol brilhando em mares negrejantes,
 «A' humanidade, que ergue-se de amores
 «Em Deus e a que es os mysticos segredos

«Do coração de um tumulto que era Éden;
 «D'onde surge a perpétua branca inódora—
 «Quão respeitosa a sua divindade !...
 «Destroe Elle o que é sciencia e que era d'Elle:
 «Oh, a innocencia ! e lh'a roubamos, Sérpens !
 «Que eramos Elle em nós, o bem sentiamos:
 «Não tocamos na Vida, e a não destroe
 «Deus em que somos nós... corpo, banii-nos
 «E n'este decaído, o Deus agora
 «Não stando mais... Esp'rito adeja: escuta
 «Se em ti não stá dizendo: crê; e espera?
 «Na terra, caiu terra-fructo-sciencia;
 «Nos ceus, os ceus estão, que são de vida
 «O coração-amor, os risos-alma,
 «Alegrias, ou prantos, n'essas fórmias
 «Das preces, dos clamores e dos canticos
 «Que a divindade são e que s'expandem
 «No infinito; e infinitamente existem
 «No resplendor ideal da Natureza;
 «De nós. Dos ódios os bulções se formam.

.....
 «D'Eva os seios bradaram palpitantes:
 «Um homem possui por Deus!—*dii eritis.*
 «Gerado fôra Abel, a quem Deus ólha,
 «Por ser primeiro Christo e humana victima.

«Sol d'incendio de florestas,
 «Da terra vingá-se Deus:
 «Vem ás sombras, traze as sestias,
 «Eva, os cinnamomos meus

«(Diz Adão glorioso)—lérias,
 «Serpens no Éden penetrou;
 «Morte seguiu ás miserias,
 «E o fogo á terra lavrou!

«Creação do intromettido,
 «Eva, esta é a hora fatal
 «D'Éden / do Creador querido,
 «Vem ás sestias, do casal!

.....
 «Findara *crescite; a multiplicamini*
 «Estavam feitos deuses creadores:
 «Toda sensata então mãe-de-familia,
 «E Adão lhe dando mimos, flores, cinctos;
 «Meigas rolinhas, pedras preciosas,

«Eva enrolava na cabeça as tranças
 «Já minhos de oiro ou cestos de serpentes,
 «D'antes soltas, de luz, azas voando.
 «Ora, d'ahi veiu a social vaidade
 «De edenisar noivados com presentes,
 «Banhos d'egreja, publicos proclamas,
 «A Adão não impida Serpens adamita
 «Nem o Espirito-Sancto pomba-branca
 «Ao bom Josephus. Eva por Maria
 «E a innocencia pela consciencia.
 «A ambas virgens os mysticos escandalos
 «De concepções, de Deus e do demonio;
 «Filhos, Iesus da luz; Caïn, das trevas;
 «Um, o que mata; outro, o que resuscita.
 «E Eva e Maria, do Calvario aos tumulos
 «Onde Adão sepultou-se e é morto o Christo,
 «A cabeça juraram da serpente.»

Dentro d'Helé formava-se revólta:
 Salvar Serpens (não mais turbasse ao mundo)
 Pelo perdão de amor de Deus a Lucifer,
 Rehabilitando, pela graça, Lucifer.

«Duas viventes perolas: divinas
 «D'ignorancia, Eva e Adão! aureas chrysalidas;
 «Civilisam em reis da terra; e aos seculos
 «Rompem metamorphoses—liberdade
 «O homem, e a flor do lar nutrix veridica.
 «—Vergonha, que fez perda do-paraiso,
 «Tornou-se d'Eva a salvação no mundo.
 «—Somente, e creio ser o mal dos males,
 «Entre esposos ficou a desconfiança:
 «De sorte que Eva, em bem dissimulando,
 «Creu, entretanto, sempre: Era elle mesmo
 «Que a chamára... e a deixou tambem dormindo,
 «Qual ella o fez: que é o homem vingativo.
 «E de seu lado Adão, ou com cadeias
 «Amores e a mulher queimada louca,
 «Ou com desprêso, a indiferença, a morte.

«Nas sextas do viver, sempre que descansaram,
 «Do Eden o meditar: *Post meridiem ad auram*
 «Invisivel falou; e mas a Deus não vimos;
 «Com toda a creação, co'os anjos existimos,
 «E só o esp'rito do ar, Ventus vivente existe
 «Sem ter sido creado: então é Creator?...
 «—Que não coma tambem d'árvor de vida, ouviste,

«E viva eternamente— A morte é que era! horror!
 «Pois que havia d'outra árvor' fructo a comer ainda
 «Com a do bem e o mal: vem dar-nos Serpens, vida!
 «A conquista da vida aos que já a teem do amor!
 «O' tu, do homem o amigo!...

«Eva ergue-se, e o desmente.

«Querella começou mortal entre casados:
 «E o cabelo enredando em cesto de serpente,
 «Outrora azas de luz, se poz a embravecer:
 «—Viver, carne eternal; nunca ir p'ra os ceus; e odiados
 «Eis d'árvore de Vida a traducção ardente!
 «Após sciencia .. viver? piedade, Deus! morrer!—
 «E o homem: A corrupção por meios infinitos
 «De faces cor-de-rosa e de olhos tão bonitos,
 «Co'o desespero andando, e a terra á corrupção
 «Florir... verdade ahí está do Deus da Creação!
 «Risos do principiar; desgostos, do acabar—
 «E blasphemando assim, cavando a terra, ceus!
 «Da morte era a eloquencia, era a transformação.
 «Abriram sepultura. E a terra em desventura
 «Comfremia a tremer, entrada dando aos reus.»

.....
 Qual fosse mesmo d'ella a edenea historia,
 Qual aurora corando (Eva de Milton)
 Calou-se Nnethe e, nuvemzinha branca...
 —Oh! vede os ceus! ao sol-zenith brilhava
 Halo de gloria eterna o rodeiando!...
 E extinguiu-se. Diriam que de Apollo
 Findara o imperio. E ao coração d'Heleura
 Ficou resoando o templo de Memoria.

Assim houve patria qual Eva juvente
 Que fora enganada por negra serpente
 De um throno sem gloria nem sciencias nem lei:
 Choral-a? que triste chorar no paraiso!
 Então nova patria surgiu toda riso,
 Ditosa de crenças qual Éden d'Helé.

* * *
 Asclepiadeo verso: á evolução do poema
 Das sestias, cadenciar d'altas antiguidades,
 Já porque bipartido em fúlgidas metades
 Reacta em conjuncção oppostos de um dilemma,
 E já por ser de gala a fôrma do matiz
 Helleno na esculptura e lacio na linguagem
 Reaccesa, de Alexandre, em fogos de Paris:
 Paris o tom da moda, o bom gosto, a roupagem;
 Que desperta aos toezins, gallo ás estrellas d'alva,
 Que faz revoluções de Philadelphia ás salvas

E o verso-luz, *fardeur* das fôrmas, de grandeza,
 O verso-formosura, adornos, lauta mesa
 Ond' tokay, champagn', flor, copos crystal-diamantes
 Sobrelevam roast-beef e os queijos e o pudding.
 Porém, *mens divinior*, põesia é o ferreo guante:
 Ao das delicias tempo, o facil verso ovante,
 O verso côr de rosa, o de oiro, o de carmim,
 Dos raios que o astro veste em dia azul-celeste;
 E para os que teem fome e sede de justiça,
 O verso kôndor, chamma, alárum, de carniça,
 D'harpas d'Æschylus, de Hugo, a dor, a tempestade:
 Que, embora contra um deus o «Figaro» impiedade:
 Vesgo olhinho a piscar diga *tambour-major*,
 Restruge alto acordando os candidos espiritos
 As glorias do oceano e percutindo os gritos
 Reus. Ao bello trovoar do magno Trovador
 Ouve-se afinação no mundo brasileiro,
 Accorde tão formoso, hodierno, hospitaleiro,
 Flammivomo social, incantador. Fulgura
 Luz de dia primeiro, a nota formosura,
 Que ao Jehovah-grande-abrir faz novo Eden luzir.

* * *

Oh, Armenia! O' Armenia, que doçura
 A vida em teu regaço! a terra virgem,
 O chão relyoso e as verdes-róseas murtas
 Sempre viçando quando o amor primeiro
 Incanta ao coração! Na doce Armenia
 Pelas assyrias armas desthronado
 No exílio Ara vivia e na tristeza;
 Tristeza e exílio, qual o são na patria.
 Que nossa não é mais, e'n'ella estando.
 —Salve-se quem puder!... E á debandada,
 Tomando dos descombros de Ur thesoiros:
 Da linhagem de Abrahão elle, deixava
 Sem chorar nem fugir, na caravana
 Real, mudo, as do Van saudosas margens.
 Porque, depois da humilhação, vencidos
 Nas columnas, nos potros de deshonra,
 Estes serão da terra os vencedores.

.....
 «Aonde foi Ut-allah, deixando a Heleura?»
 O rei Ara inquiria cuidadoso.
 —Pomba desceu dos montes viridantes:
 Semiramis! Semiramis!... e abrindo
 Azas mui brancas, á filhinha Heleura
 Tomia-lhe e vai com ella o acompanhando:
 Vai qual uma gaivota alva e luzente
 No espaço a voar á altura do hombro da ama

E ao vagaroso que dormir fazia-a,
 Na estrada eterna jornadeando ao occaso,
 Té a porta erma da mansão qual Párthenos
 Poiso saudavel d'immortalidade
 E, qual Edens de sciencia, impenetravel.
 Ora, encolhendo as brancas azas trémulas,
 Depoz ao lirio enidadosa em terra
 A bella pomba: e o voô erguendo lento,
 N'um cantar que resoara em Babylonia,
 Do aureo templo babelico de Belus
 Aos suspensos jardins, e s'elevando
 Em curvelineo movimento lúcido
 De triangulares velas dando aos ventos,
 Voltou aos altos montes viridantes.
 Olhava-a toda a caravana extactica:
 Nos ares desdobrando, as pontas d'aza
 Triangulos formavam luminosos—
 Oh, dos ceus a visão resplendente
 Que havia n'alma de ficar d'Heleura!
 Mirando-se aos espelhos, devisava
 Os triangulos lucidos dos brilhos
 Da estrella das manhans: divma esthetica
 Da assyria divindade, e d'esta agora.

Era uma edenea Helê, toda viçosa e doce,
 Vergóntea de crystal, qual de uma vela a luz,
 Com as scintillações de um astro e como fosse
 O da constellação mais rútilo da Cruz,
 E que de um cravo-noivo ha fórma e os brilhos lança
 Lembrando, ao lado esquerdo o scintillar d'esp'rança:
 Generoso, vivo-igno, o sangue lhe manava
 Puro oiro d'Hevilath que altiva a illuminava
 Do crystal através; sonoros os cabellos
 Ondeó sol occidente á flor dos hombros bellos.
 Era ella o incanto d'Ara, a gloria derradeira
 D'aquelle grande real, dos olhos o terçol:
 Co' a filha s'encerrara e a dor da patria inteira
 E, á luz d'esse pharol, não quiz mais ver o sol.

Gladiador silencioso, ensanguentado
 E triste idealmente e sem remedio
 O rei formoso os olhos seus, armenios
 De azul qual os de Adão, aos ceus volvendo;
 Os dias terminou Que eterno pranto
 Que a filha não derrama doidamente
 Abraçada em seu pae!

Balcões de léste:
 Seguiu ella co'a vista lacrymosa

E o coração partido de saudades
 O aureo féretro lento acompanhado
 De alas d'accessas tochas que subiam
 As longas margens taciturnas do Euphrates
 Na noite funeral. Do tronco amigo
 Ella então viu-se o desprendido fructo
 D'exempção e innocencia, aos estelliferos
 Raios dos ceus, alli, ao orvalho e ás lagrymas.
 —E Ut-allah? que demora!... toda a noite
 A sós, espera-a Helé triste e miserrima.
 —Vindo aurora: escutava sem ter medo
 Voz distincta chamando-a pelos ares,
 Calix errante de carinho e graças,
 Qual fosse do astro das manhans, que em riso
 Mudou-lhe o pranto e em luz, e como fosse
 Mandado de seu pae. E então lhe alembra
 A história, quando perguntara a Nucthe:
 Onde? e o responder: lá.

Do rio ás margens
 Ergueu-se o de oiro tumulo ao rei Ara
 Longe d'onde jazia a que elle amara.

A que elle tanto amara! Oíça-me a que é leitora
 Romantica em choupana edenea americana,
 Contos da humana patria, a sempre surgidora
 Patria, se ao coração ha dia paraísal:
 —Ao Taurus venerava o povo, extranho monte
 Qual um sagrado symb'lo exposto no horizonte;
 Nos cimios do Mazis, mystico aereo rosal
 Olhava quando ás nuvens nuvens rareiando,
 Que desapparecia ao mesmo instante quando
 Nuvens, nuvens, e sempre ao sol occidental.
 O monte é o Ararat de bella fórma conica
 Reversa á primitiva edenea, chá, demonica,
 Vertice ao interior ignivomo da esphera,
 Base vasta ao exterior onde Eden estivera—
 O plaino horizontal de um *bouquet* ideal.
 (Primeiro terremoto) o mundo deslocado,
 Quando Deus trovejou, o aureo jardim voou
 Que desenraiza e vira e tomba, ermo boccado
 Immenso!... Eis um covão! diluvio o encheu! o Van!
 Eis ao longe o Ararat, pincaro, barbacan!
 Arca de salvação firme sobre elle, eterna
 (Sciencia a descer) subida a amor, tendo o phanal:
 Que Alcide herculeando haja Stymphalo ou Lerna;
 Augias, Nessus, Anteu; mas, haja a alma do ceu,
 Da terra o pomo de oiro e uma onda de crystal.
 —N'essa veneração foi com a esposa amada

O rei Ara subindo aos cimos do Mazis
 Aos ceus sacrificar sobre a rosidoirada
 Bella nuvem d'alliança a que Jehovah bendiz;
 Para a lua de mel os ceus fazem docel !
 A escada de Jacob houve nunca esplendores
 Qual os degraus subindo ao berço dos amôres.
 Os anjos 'stavam lá lendo na luz d'aurora
 Do *in principio* a verba edenea incantadora,
 Do que nos ceus se gera, oppor toda chimera.
 Descendo o Taurus hão, dos ceus, os bellos titulos,
 Elle, de Ara o formoso, ella, de esposa-rosa,
 Até ahi ceus; pois bem, acharam-se ridiculos
 Entre os mortaes; e o que Sardanapalo goza
 (E o viu feliz Ninive á morte a mais grandiosa)
 Na terra, Ara perdeu na terra... a assyria guerra.

Qual rochedo crystalleo que estalando
 Ao sol candente, o thesoirinho dá-nos
 De diamante e rubis que em si guardava;
 Qual d'haste esbelta em flor de luz respande
 Açucena divina a um ceu brilhante,
 Assim dos seios-mães, da esposa-rosa
 Nascera Heleura, um lirio rindo abrindo
 Que, da terra vibrado, aos ceus se ostenta,
 Sobre as bordas do Van, quando raiava
 A estrella matutina. E estando uma orphã:
 O amparo se formou do arco-celeste,
 Voz *ad auram* se ouviu que abençoava.

Olham: pedra angular, marmorea, branca
 (Mais do que as borboletas vaporosas),
 Brilhante de verdade. Ondas ergueram
 Seios virgineos aponctando a Lucifer:
 Raio viu-se da luz d'uma alva lâmina,
 Relampago sair do undoso lago,
 Raios de Adad e Addirdaga gerando,
 Subindo uns descendo outros dos ceus, gloria
 Divindade nutrix. Diziam credulos
 Ser Daphne—ora, um loureiro roseos ramos
 Pela coroa de amor dando a de gloria,
 Do sol nos raios desaparecera,
 Nem a terra o viu mais; outros diziam
 Ser a propria serpente do paraiso,
 Do Eden primeiro o fim, do Eden segundo
 O principio, ao perdão de Deus penando,
 Que vinha alimentar menina edenea
 Co'os fructos mesmos da árvore de Vida
 Por equidade aos da Sciencia, enganos

Que Eva antiga perderam. A chamavam,
 Causa da doce voz d'ella e dos circulos
 Symb'los d'eternidade, em que fizera-se
 Metamorphoseiando-se, Ut, Ut-allah.
 —Verdade é que eram ambas, Ut e Daphne,
 Duplo ente celestial januo e qual vendo
 D'Eva o passado e o aureo porvir d'Heleura:
 Como os dois brincos de brilhantes cre-se
 Aos ouvidos dizerem de uma noiva
 Os segredos do amor, que estão-lhe rindo
 Na luz dos labios, tal Ut-allah e Daphne,
 Nas fórmas divinaes, de Deus no espirito,
 Edenea educam perfeição Heleura.

Oh, o ideal presente! Heleura incanta
 A Ut-allah, que a incantou; cresce, revoa
 Qual os astros levantes, ceus subindo,
 Augmentam de fulgor: auras, aromas,
 Zagalejos sons; lindas, corredoras
 Haiganas gentis, a acariciavam;
 E á tarde ao lago olhando e ás ledas folgas
 Dos contentes pastores; ledas frautas
 Nos ares o diaphano esmaltavam
 Da tela vesperal, notas luzentes
 Que nos espaços crystallinos bordam
 Ou abrandavam, bíblicas mandrágoras
 Com que, cega de amores, Lia, o esposo
 De ambas, rogava á irmã prudentemente
 Com grandes olhos pretos brandos tremulos,
 Por ser mais moça a amar Rachel pulcherrima.

E pyrilampo o cincto illuminando
 Para Helé rir bailava rindo Haiguita
 Feiticeira a quebrar-se e á ler mirando-se
 Na roda dos rapazes e entre applausos,
 Flóreo thyrsos a brandir de *van*, scepstrigera
 As cabeças contando decepadas
 Dos baptistas que arrufam. Oh, das danças
 Unidade gentil e infancia e enlevos
 Dos saraus! oh, lundú-chorado, aerea
 Aurea edade ante-walsas rotatorias
 E manhans dos bailados! Hoje, accaso,
 Se ainda tu revoltetas nas choupanas
 Em tempos de Natal, és qual suspiros
 Fóra da moda, ó tu, divino fado!
 E ao luzluzir d'Haiguita, Heleura rindo,
 Ao collo de Ut-allah nutrix celeste,
 Sobre o espelho do lago se mirava.

Haig convalescera.
 —Havia o *mal* edeneo
 Onde fora paraíso:
 Curava-se com riso
 D'Heleura ao coração.
 O modo, o dava a sciencia
 D'ondas á intelligencia,
 Deixando a ingloria corça
 E havendo a crença-força:
 Então, convalescentes
 Iam servir contentes
 A ella, na gratidão.
 —Que, se uma ovelha má
 Perder faz toda a grei:
 A boa, diz Ut-allah,
 Chama á virtude e á lei.

Desde a noite funerea, de tristeza
 Heleura está doente. Ara, morrendo,
 Nunca perdera as cores do semblante;
 Um formoso defuncto: «vivo! vivo!»
 Gritava a filha p'ra que o não levassem:
 «Vivo! vivo!» Prenuncios maus, diziam.
 Mas, para Ut era crença que, dos tumulos,
 Corvos de Odin mandando pelo mundo,
 Os mortos melhor cumprem seus designios.
 Ora, a chorar no tum'lo (Ia, em violetas
 Mudada pelo amor), perpétuas meigas
 Tornara-se Ut-allah, que o amortalharam.

Fundo silencio estava dia e noite
 Na sombria mansão: de longe em longe,
 Como rasgam-se as brisas açoitadas
 Por vergónteas, manhans d'esto, etherea aura
 Parecia chamando: Heleura!... Heleura!...
 Que ella escutava; e n'uns baixinhos echos
 A febre arremedando: *He-lé-u-rous...*
Helieiou-urion... Subito saltava,
 Pesar d'Ut e as Armenias vigilantes,
 E as seraphicas fraldas apanhando,
 Nuzinhos pés, a rir toda, irradiava
 No aposento a estellifera carreira
 Atalanta de luz. E viam n'ella
 A luzente visão dos scintillados
 Limões de luz, de luz niveos triangulos
 N'essa da cal mortal brancura, o rosto,
 O riso, a bocca, os olhos brancos, brancos:
 E o maternal diamante em pó desfeito

Que vivifica ao candido diamante,
Torna-a ao leito Ut-allah: «Heleura! Heleura!»

* * *
Feita no abysmo a luz, que vê da treva as frâgoas,
E o espirito de Deus levado sobre as aguas,
Da tardé e da manhan fez-se o primeiro dia;
Faz-se a primeira sesta, e que esquecêra Deus:
A sesta, essa noitinha á calma, á lethargia,
Meridiano zenith a dividir os ceus
Em dois, um dia em dois! viver dobrada vida!
Ser quasi eternidade!. . . Ao meio dia, a essa hora
Noitecer, descansar; novo acordar á lida;
Manhan e tarde: sciencia, arte; d'ocaso-aurora
Ditosos somnos-véus, doces vigílias-Deus.



Suivant les chroniqueurs, le royaume d'Arménie aurait été fondé par Haïg, 2,200 ans avant l'ère chrétienne. Ara, surnommé le *beau*, ayant été vaincu par les Assyriens, l'Arménie devint une province du royaume de Babylone, et y resta incorporée jusqu'à la mort de Sardanapale.

Ardeschir, premier roi de Perse, conquit l'Arménie et fit périr tous les princes arsacides à l'exception de Tiridate, qui se sauva; soutenu par les Romains, il revint bientôt chasser les Persans, et restaura le trône de ses pères. A. LAGRUE.

Segundo dia

Heleura está melhor: amarantinas
 Lhe esplendeiam no olhar sagradas chammias;
 Hão-lhe as faces crystal de pura angelica,
 De pura gran seus labios silenciosos;
 Sonorasas alegam-lhe os ouvidos
 Do rio as vozes, que realçando passam;
 E as tranças meadas de oiro d'ellos vívidos
 Desarrumando aos ventos, incantavam.
 — Anda? um raio de luz andando, um lirio,
 Uma vergóntea dos jardins edeneos
 Tecendo o ninho hirúndina, e qual d'ella
 O voo susurrante e os echos; longinqua,
 Ceus de azul e soidões (ninho d'hirúndina,
 Se não ha bemitivis, esses dos ares
 Zeladores-bilontras) — Que suspeitam?
 Do amarantho do olhar que não se abaixa
 Ante o dos homens qual o das Armenias,
 Mas sempre hão raios fixos tão doirados
 Qual oiro d'Hevilath por sobre a terra?
 Eil-a rindo; depois, eil-a chorando,

Pedra encontrou, raio de Lucifer:
 Javardos, que a cercam, feriu!
 Menina de tanta coragem,
 Astro ao bonnet phrygio, quem viu?

Desde então, Lucifer das alvas,
 D'ella fora o amor, fora a lei;
 Sempre a dizer: «Deus! se me salvas,
 Também te salvarei!»

—Dóctor, que ella terá? «Nonádas lucidos,
 Gloriosos sins divinos, irisantes
 Vistos de um prisma de crystal purissimo,
 Electrico, através, rindo. No rio
 Passeios, madrugadas; em contrario
 Ao luar, aos crepusculos de Vesper,
 A' quente nicociana, aos fortes alliums;
 Porém, limões, mannás.»

Exclama Ut-alla':

—Insolações. natura! oh, natureza,
 Que de flagellos á mulher!—E ordena
 Apparelhar Djorokh, alta, alvejante
 Festival galeota a doze remos.

Tardes do Euphrates! luz do astro saudoso
 Reflectida nas aguas prateiadas,
 Meigo enternecimento e mudéz d'alma
 Em que as donzellas olham, vago o enlévo,
 Attentas escutando e nada ouvindo,
 Nem a canção dos rouxinoes das brisas,
 Mas como que esperando das espheras
 Descer o casto beijo á hora aprazada!

Nas aguas surdamente marulhosas
 A lua toda bella s'embalando,
 A' porta os camponezes bemdiziam
 A's margens florescentes. Consternada
 Olhava Heleura ao candido espectaculo
 Da amante natureza, co'a saudade
 Do coração aberto aos sentimentos
 Que ha na convalescencia dos que voltam
 A' luz da vida. E a lua toda bella,
 Diaphanos ceus e a barca fluctuante,
 Um berço de Moysés vagando na onda,
 Em cadência vogando, e os remadores
 Cantando saudosas, tão saudosas
 Canções dos nautas, docemente ao coro
 Feminino entoadas: da harmonia

Ao collo adormeceu Helé tristonha.
Gente ajunctava-se ás ribeiras vendo
A incantada galeota, remos de oiro
Irradiando, proa alta e toda esmaltes,
Madreperola impavida. Divinas
Na bella concha as perolas cantavam:

«Natureza... Oh, de Deus formosa amante!
«Ceus de anil... quem vos dá saudade e amor?
«Sopro do ar... navegamos ao levante—
«Voga, o' nauta... oh, aos portos da aurea flor!

«Rosa edenea... oh, dos ceus d'aurora imagem!
«Aurea flor... quanto a terra vos seduz!
«Ao pharol... do horizonte ardendo á margem—
«Voga, o' nauta... oh, aos portos onde ha luz!

«Branca espuma... oh, das ondas riso e incanto!
«Da creação... puras fórmas vão surgir!
«Bravo mar... ás correntes de amarantho—
«Voga, o' nauta... oh, aos portos do porvir!»

Cessara a ondulação das vozes.

—Ouvem?

Dir-se-hia o mundo todo soluçando...
Triste-esquecidas notas, qual memorias
D'outras eras, da proa s'extinguiam...
—Quem é que tanto chora?...—

Alborotando,

Das ayas a constellação levanta-se
Contra os que iam d'encontro a avisos medicos,
Que o astro, que alli dorme, despertavam
Quão melodiosamente abrindo os olhos!
E murmuram no ouvido, umas ás outras:
Contra Esculapio as causas de saudade.
—Viu-se a mão invisivel do Destino
Que dos naufragos seus, faz salvavidas
De mútua esp'rança que lhes brada n'alma:
«Se me salvas, tambem te salvarei...»

—Deus Providência! o Euphrates deu volta:
A salvação, muralhas avultaram;
E o cysne alvura e gloria e cantos nauticos,
Azas rufando que atracou á rampa,

«Hontem, diz Ut á Helé: quão macilenta,
Qual de morcegos varios, que nos orphãos,
Que na innocencia bebem, desangrada,

Rindo, uma defunctinha rindo—triste!
 Ai quem rir assim faz a uma menina
 Na orphandade ! astro de olhos que se abaixam
 Em sua branca mortalha, branca, branca,
 Um sepulchro innocente ! e porém onde
 Sentia-se de Deus vingança. E hoje !
 Hoje açucena-alvor co'a risca rósea—
 Quem deu-te cores tão divinas ? puras
 Qual da Paixão, do rubro sol-ocaso
 Novilunio abraçando em liberdade
 Mais doce o abraço que é do fim do dia !
 Da tua flor e das cinzas do teu nome,
 Phenix de luz resurges e qual sendo
 Alma de um poderoso: Helé ditosa,
 Nem sol, Sirius, nem Lucifer, brilhando,
 Mais doce alminha não lhes vibra os raios !
 Como os passeios dão-te vida ! E digam
 Que a gente não renasce... Qual se do Euphrates
 Filha e obra sua, ahí 'stás redivivente !
 A's bordas vinda, morta elle acceitou-te
 E ora es-lhe a flor, e o tens de amar, oh quanto !
 E mas, contam que esta édena corrente
 Toma dos immortaes a fôrma: ao longe,
 Ardendo á margem vês aquelle incendio ?
 —Vejo !—«Era alma de nm d'esses, muito antigo ...»
 E Helé:—Suaves manhans... os sons da aragem
 No pomar boninoso matutinos,
 Dize: não são qual os da tarde, de hontem,
 Qh ! Ut-allah ! da proa, tão doridos,
 Prantos d'Hesperus, do Euphrates mysterios,
 Que soluçavam mesmo, e nem deixaram
 A mim dormir no collo teu—

«Caluda !»

E pondo á Heleura a mão na bocca e meiga,
 Porque tal nome pronunciar dá morte,
 Conta Ut-allah: «Tiridato... Oh ! Zobeida !
 «Oh ! Harun-al-Raschid !... O foragido,
 «O principe de morte, o incantamento
 «De Bagdad a infernal !... e os bons, caíram;
 «O mau (quasi aura aphonica em segredos),
 «Crimes, qual fôssem noites d'esplendores
 «E os braços 'spedaçados de um demonio...
 «Fronte que alteasse formosura edenica,
 «Logo a nódoa fatal !... dedalea Creta,
 «Pascendo real alteza, a prole-monstro
 «Do adulterio; pesar do sabio Minos
 «Filho de Jove e Europa, a bem dos povos
 «Ler a legislação... Edens perdidos...

«E' desmaiar !...»

—Não ! Ut ! Ut-alla', acorda !—

Ralha a menina; e a meiga continuandô:
 «Tu não tens medo ? pois os réis tremeram !
 «Caçava; e no embrenhado após rhinóceros,
 «Nos bosques de limeiras odorosas,
 «Avista um fructo persa, Alba-dorida
 (Viu-lhe as faces Heleura que espelhavam).
 «Princeza que reinar devera Augusta,
 «Filha mais velha de Ardeschir, vestidos
 «Arregaçados, tranças orvalhando
 «Nocturnas estrellosas, que das fontes
 «Ella vinha; e aos jacinthos repetia
 «Arias antigas com que a avó, com medo
 «Da estrella do pastor, a adormentava
 «Co'os passarinhos. Calladinha, escuta:

«Antes Fogo, ó linda neta,
 Do que o astro pensativo
 Sempre-mudo, sempre-vivo
 Que amanhece ao anoitecer,
 Menino exposto, que a teta
 Mal ditosa aleitaria
 De fada que lhe sorria
 A envenenar e a perder:

«Ized ! arranca-vos d'alma
 Sabéas lagrymas: fira,
 E destilla o peito, myrrha,
 Pranto, pranto: doce?... qual !
 Ora, a transparencia calma
 Perturbada da innocente,
 Raio s'inclina ao occidente,
 Ao que absorve-a, fatal !

«Ou... se é Deus?... a ti preserve
 Fogo ! Sol ! do tão sensível
 Ente mystico, visível
 Só no fundo coração ?
 A quem de Clitumno serve
 N'um crepusculo sombrio
 O espirito movel do rio,
 Que se vê na ondulação,

«Ized ! o cérulo espirito
 Que assassina á noite, em sonhos
 Tão doirados, tão risonhos—
 Feliz, se o podes prender !

Ah! ah! da dúvida o espirito,
Que ha de verdade e mentira,
E' rosa dos ventos, gyra ...
Flor?... borboletinha a arder!

«Ized! Ized! oh, querida,
Que antes Sol, Fogo te abraze,
Do que os suspiros audazes
Da mudez dos labios seus!
Foge a alegria da vida
Com elle, vai-se morrendo—
Mas, se estás adormecendo,
Dorme e fecha os olhos teus.»

«E desatou a rir: atravessando
«Aereo voo os bosques odorosos,
«As moitas de jacinthos: e não estando
«Mais alli; d'ella o incanto, a bella imagem
«D'ella alli estava, que prendera o amante,
«O caçador indomito incantado!
«Oh, a cega paixão! d'Alba-dorida
«Elle a imagem seguindo entre os jacinthos
«E os bosques odorosos!

«Ora, á noite—

«Tiridato! Tiridato! os incendios
«A arcada alta ogival illuminaram:
«Ouvem-se as gargalhadas labaredas,
«E de repente, co' a donzella morta,
«Por entre as chammas, vêde-l'os! passaram!

«Deixa o throno Ardeschir; bramindo o exército
«Espadas nuas, busca o namorado
«Caçador de rhinocerontes: tremam
«Da vingança de um pae! Cada um Arsacida
«Sangue de Vagharchag, e sem clemencia,
«Decapitado! escrava toda a patria
«E a cabeça do transfuga, a bom preço!
«Oh, não s'eleva um homem sem que faça
«Vasta sombra! feliz ainda, se abriga
«Em si a hora da Lei que eterna ameaça,
«Lh'estando n'alma a calma austera e amiga...

«A' hora da guerra (e o caçador estava
«No campo armenio), sobre as cinzas persas,
«A' mesma hora desceu a bella imagem
«Tão sombria, ceus! tão transfigurada
«Que ninguem mais a conheceu! e olhando
«A's moitas de jacinthos e as fimeiras

«Dos bosques odorosos, preludiava
 «A aria antiga: mas, luzes dos seus labios
 «Tão doces como auroras, se apagaram—
 «Teu somno é puro, Alba-dorida!...»

Heleura

Mirou-se toda: um aspide a mordera,
 Ella o sentiu; fugiu para o aposento
 Alcatifado de cravina e de oiro
 E onde sonhos levianos não entravam,
 Cheiro sentindo de jacinthos, vendo
 Labios-luz, verdejantes lorangeiras,
 Flores-noivas grinaldas agitando
 Sobre um abysmo venturoso, em vagas
 Como espelhos levando-a, combanidas,
 E-crystallina limpidez, reférvida
 A epiderme n'um phosphor' luminoso—
 Triangulos! triangulos! . Semiramis!
 A alvura e o sentimento! anneis da trança,
 Quando as faces beijavam-lhe, incendiam.

—Ut-allah!—

«D'ella escutas a aria antiga
 «Que os rouxinoes eternos continuaram,
 «Esses cor de teus olhos: olhos que eram
 «Branços da cal, e ahi 'stão, qual n'um incanto,
 «Terras-firmes do sol, que s'illuminam,
 «Qual p'ra salvarem naufrago! hymnos se ouvem
 «Dos jacinthos e os bosques odorosos—
 «Oh, Allah-Elohim! choram; percorrem
 «Largas terras buscando Alba-dorida:
 «Nunca mais a verão, que já passara
 «Ella, que estava tão transfigurada
 «Que ninguem mais a conheceu! . . . Extincta
 «(Deus das benções!) do quadro d'i existencia,
 «D'elle a familia! . . . D'entre os remadores
 «Um, modo altivo e o olhar, patria o universo,
 «Tecto os ceus, leito a terra, sonho os astros—
 «Oh, Allah-Elohim! poz vela á barca e mastros!»

Mas de Ut as duas pétalas, que accendem
 Reflexos do Ararat subtaneos, traem-n'a:
 E de amarantho, ora electron-doirados,
 Olhos sobre ella scintillando Heleura:
 —Quem te contou?.. —Nem contou mais Ut-alla'.
 E n'alma os roseos arcos se apagavam.

—Doctor? «Seve plantarum dolorida,
 «Mas, bella Erinnyis tendo bom governo

«D'Eros vívido, lucido, pura alma
 «Razão do gerador divinizando:
 «Passeios sobre o Euphrates á aurora
 «Das azues madrugadas.»

A alma physica
 Somente este ólha. Porém, já promptinha
 Co'as alvoradas stava Heleura, vendo:
 Alta amarella estrella brillantissima;
 Cadentes sul-meteoros luminosos
 Do mais divino pó de luz; veus ópalos
 Abrindo ao oriente a homerea rhododáctyla
 Aurora ! e ao crystallino firmamento
Cygni—esse par de sóes unidos sempre,
 Invisiveis; e que ella via claros,
 Dadas mãos, em suas orbitas eternas
 Qual n'um lago ideal as bellas azas
 Por essa immensidade. Ora, pensando
 No companheiro da incantada estrella,
 Tremeu-lhe o seio, fructo conformado
 De uma singela flor e á mão colhido
 D'arvore doce verdejante e bella...
 Imagens na alma impressionavel, sonhos
 D'Helé-Libertas 'svoaçavam, doces
 Qual á resurreição, de um povo morto,
 A gloria, á esperança, á charidade—glorias
 Da adolescencia e onde incantadoras
 Resplendeciavam—ai dos que, traindo,
 Do Deus a trina filha desvirtuam !
 Aurea Polaris vendo na firmeza
 E espelho seu; e Lucifer na aurora
 Qual n'alma d'ella, o precursor do dia,
 Da luz dos ceus que toda a terra aclarava
 Atugentando as hordas de vampiros
 Que, na innocencia Heleura, a desangraram:
 Virgem, do humano mal sem ter memoria
 N'esta social transformação.

Sol brilha.
 —Mas, não houve passeio á madrugada;
 Porque as outras diziam: Frescas tardes,
 Oh, *salutaris Diva* ! E os que desceram
 A's margens a bater co'os ledos lenços
 P'ra a alvejante galeota, a argentea concha
 Das sonoras perolas, voltaram
 Perguntando uns aos outros, se haveria
 Passado antes.

—Ut-allah ! Ut ! acorda !—

.....
 Era Ut a divinal, árvor' de sciencia,

Gratidão mysteriosa de Tiridato:
Na noite funereal quando escondera-se
Elle das multidões por tras dos tumulos
Onde ella orava, eis que, maravilhados,
Ouviam d'outros mundos, grandes vozes
Das sombras, ou dos ventos que falassem,
Ou mesmo qual dos tumulos bradadas,
Ave memnônia ás lagrymas da aurora.

Assim, quando a nubente esteve á morte doente,
Ut-Allah, que não dorme e estando tresnoitada,
Ao fresco dos balcões saía ponctipé
E orava pela inferma aos astros e á corrente,
Helê que ouve-a, pergunta, á febre atordoada:
—Da agua e do firmamento ao separar: quem é?...—
E á sesta adormecia. Era o segundo dia,
Da tarde e da manhan, qual da esperança e a fé.



A pomba voltou sobre a tarde trazendo
 ao bico um ramo de oliveira com
 as folhas verdes. GENESIS.
Un peu die vie á boire, et ce verre d'eau
Dieu. V. HUGO.

Terceiro dia

Eu amo; eu sou amado: amastu? amam-te!
 Toda amor, toda amando; amavam todos
 A' livre Helé: nutrida á árvor' de Vida,
 Vida era ella, que ao mundo aviventava:
 Lirio nitente! ao arco d'alliança
 Das nuvens resplendor, substá qual fora
 Raio estellar que de manhan nos valles
 Ficasse ao dia, á luz dos ceus brandindo:
 Pantheon de gloria, o coração amante,
 Esse que por amor odeia ao mundo,
 Bruto diamante, deus lealdade, aquelle
 Lucido zero, aquella cifra limpida
 Que ao trese edeneo unida, dá cainanea
 Sinistra descendencia, a Adão por Seth
 Reergue e por Enos, que ao Senhor invoca!

O espirito feliz; e o que é feliz porque ama
 E boa governava a casa: Ut-allah chama?
 Qual flores da grinalda indo ao central florão,
 Obedientes veem, Als-Zény que é Salgemma
 Caucasia linda (a ter doméstico diadema
 De corações; olhai d'Heleura o coração)
 Als-Zény que cozinha; e Célia a viuvinha
 Pomo paraisal, róseo iman palpitante
 Que põe a tempo e hora a mesa ampla abundante
 Em leites e alvos pães e frangos e maçans,
 E assim como quem diz «eu sou o pão feliz»;
 De auroras officiaes, Rosina, Lássie, Cora

Fazem, o orvalho á flor, banhos a cada aurora;
 Junonias á onda clara ou resistivel ara,
 Lavam, engommam roupa; Haiguita inquieta, e o Til
 Vaporzinho olho preto, um bugari fragrante,
 Uma alva borboleta em voos mal-seguros
 Que haviam derribar de Jerichó os muros,
 Serzem, pregam botões; senhoreal perfil
 Auricrinata Offrenda, olhos de azul brilhante,
 Costureira em primor, de quem depende o mundo;
 Aureos talheres; mútuo á mesa o servir; tudo
 Qual aura bemfazeja; Aas-Coelo canta, incanta,
 Na harpa de oiro;ouve-a Heleura olhando a alva garganta,
 Oh, vêde o grupo ideal! Théleh, a doceira, os ais,
 Qual quemdo officio doce ás fôrmas toda achou-se,
 A calda em poncto, ondeosa e branda e soberana,
 Que amorenava á tarde em pallida egyptana
 Se não via ninguem da granja de seus paes;
 Rosto de amendoa Nnethe, histórias, ramilhetes
 Faz, em gentil *quaresma* a conhecer-se mesma,
 Da-lyra-a-última-chorda. Eis edeneaes magnetes !
 Honrando a luva, a seda, a joia rica e leda:
 Todas varriam casa, a rir lavavam pratos;
 Cosendó; abrindo ao sol limpos todos ornatos;
 Reunidas ao comer; unidas recolher,
 Primeiro ao oratorio e após ao dormitorio;
 Ao centro planetar Ute que é da harmonia
 A mãe de ordem suprema; e Helé que é luz do dia
 Dando o aureo modo infante e havendo um deus amante.
 —Bellas Armenias, sois, reinando o coração,
 Juiso, amor, verdade. Um, jardineiro á herdade.
 Djorokh; um, ao portão, Tigrano, o guarda; um cão;
 Uma cobra feliz que andava nos jardins;
 E a d'Ara escolta antiga a Helé velando amiga—
 Socialismo christão com cheiro de jasmins.

Cada qual, uma indústria generosa,
 Ou arte liberal, que a salvaguarda
 Sempre-joven no mundo, livre, alegre;
 Té que Deus mande o amor, que os ceus inspiram
 E a que ringem os seios gloriosos
 D'encontro a amor qual em fornalha ardente
 Bollas de neve. Mas, d'Helé, qual a arte?
 A difficil! Com parecer vadia:
 Era a despertadora, a madrugada;
 A que, em vez d'enforçar, ria de Judas;
 Dizia á luz o como as trevas fazem,
 Como vampiros á orphã desangravam;
 E as tranças dos cabellos antepunha

Ao collejar das viboras. Curava
 Ella os leprosos e as que são a lepra;
 Sempre boa e piedosa e sempre rindo—
 Eis a terrivel joven Liberdade!

Qual do labor grosseiro, ao labutar diurno,
 As fórmas o homem toma, ou tronco, ou pedregulho,
 Ou se lhe aclara a fronte as luctas do ideal:
 Tal abaixa a mulher, em desastrar nocturno,
 Ou realmente em flor e tem a graça, o arrulho,
 A chave tem dos ceus e a gloria do casal.
 E sem a inveja e o odio, ebrio demonio-brodio
 Que, corrompendo a bocca, os dentes quebra á louca,
 A bocca era um thesoiro, um cofre aureo fechado,
 Virtude os corações—do Novo-Eden o arcano!
 Respiras o ar vital, a esperança-Heleura. Além,
 Quem diria onde amor? O do Propheta, achado
 No humido lacrymal d'Aichea e o mahometano:
 Resplandescimento... oh! oh! toda a formosa o tem!
 Olhos de Ut-allah têm, um dó e a adoração,
 Fundo silencio o olhar, sagrada mansidão;
 Amaranthos d'Heleura, o têm—que atrevimentos!
 E o gelo e a virgem braza havendo pensamentos
 Qual *Gemini*, astros dois, formando um coração.

Tal quando vão senhoras aos comicios
 Que silenciosas co'a presença inspiram
 Virtudes aos varões da patria illustres
 Viam bem, que a nutrix e que a menina
 Amavam, mesmo o tempo, as mesmas coisas:
 Uma o sentia, e o sentimento d'ambas,
 E por fim, todo o coro, a mesma aragem
 Invisivel celeste, ao mesmo lado
 Toda a sebe inclinando florescia.
 Harmonias do lar: e onde concerto
 Houve feliz, se desafinam chordas?
 —Que os instrumentos, pois, não desaccordem
 Na casa da Harmonia!

*

*

*

—Que estás vendo,

Filha d'Ara o formoso e a esposa-rosa?
 Sempre madrugadora, auras seraphicas
 E os passarinhos, como as flores abrem,
 Oh, substancia estellifera exaltada
 Da luz, doce edenina adolescencia,
 Brasa sagrada sem nenhum defeito
 Ao raio reflectindo, oh, divindade!
 Oh, manhan que incarnou! sempre escutando

Aos ceus, que nada teem de tão divino
 Como a virgem paixão tua ! Diziam,
 Tomava do astro a luz com que na terra
 Resplendeciava. Quão saudáveis horas !
 —Com as alvas s'erguer manda Esculapio.

Mas, das historias paraisaes de Nnethe
 Veiu a melancholia scismadora:
 Eva lhe entrara n'alma e lhe edenava
 Em qual *vaghezza* d'infinita esp'rança
 Dentro dos peitos. Se perdia o somno,
 Pensando estava silenciosa, intrépida,
 Tanto quanto a soidão da noite funebre
 Vozes a ouvir, qual fosse o astro de Lucifer
 Consolo de seu pae vindo na aragem.
 Ai ai ! que ora esta de Ut, e mais romantica
 História... que era o mesmo, ella o jurava,
 O Arsácida glorioso, o astro de Lucifer:
 O dos ceus e o da terra; o que dos raios
 Aclarava-a na aurora e o que ao ouvido
 E ao coração cantava —E que o não creiam...
 N'um paraiso interno s'incantara
 Paixão: não a paixão brutal feminea
 Que á loucura transtorna e faz mundana
 A mulher; mas, a faz Eden celeste,
 De crenças nutre-a, da árvore de Vida
 Que a Eva e Adão não nutriu. Os meigos similes !
 A luz do astro lhe alembra a ella, Tiridato;
 Do Arsácida o sorrir, lhe alembra Lucifer.
 Fazendo Myrto um ramilhete e rindo:
 *Quem, quem d'Erato pelas verdes murtas
 «Passou, galinho não quebrou, lembrança...»
 —Que alvinho cotovelo e mangas curtas !
 Respondem Ut e Helé: morre d'esp'rança !

Terrena; celestial: a Sciencia; a Vida:
 Véstias doiradas e nudez seraphica.
 Lirio da gratidão, amava ao astro
 Que os prantos lhe lucificara; e as luzes
 Já n'um diamante s'iam transformando:
 Tal, ao contacto das acções formosas
 D'eternidade, as almas sublimaram:
 Que o nascimento, que a virtude, a gloria,
 Se a mulher não desfaz, diamantiniza-a !

*Stão de branco os remeiros reunidos,
 Sobre a margem contentes esperando.
 —Em Deus universal, psychico abysmo,

Errava amor: despedaçados triangulos,
As azas candidissimas gloriosas
S'estendendo aos amparos.

Natureza—

Eis a cruel, que rompe á flor os calices
Em divina embriaguez do pranto e o sangue,
Que ouram, que os deuses das paixões formosas
Percutem-se... mentir? nunca mentiram,
Nunca mentiu o amor!—despreza, chora,
Vinga-se formidavel. Mas, sublimes,
Os de Apollo radiosos, para darem,
Um beijo na jasmínea dos retiros,
Ou no cheiroso diantho, a flor dos deuses,
Vão: rasgam trevas, atravessam noites,
Ermos, encruzilhadas, cemiterios
Que falam, que assobiam! vão á esp'rança
Das murtas verdes-róseas, das roseiras
Cegamente espinhadas! vão; e beijam!
E só por isto se arriscando ao inferno,
E só por isto dando a alma infinita
Qual o sol dando os raios.

Pára-raios

Aquella doce flor, co'o lindo riso
Desvia o incêndio e em luz branda converte-o
E meiga e illuminante e favoravel
A' humanidade: a luz d'essa hora eterna
Quando Jehovah dizia—A luz se faça—
E foi feita a existencia qual scismares
Dos semblantes ao bom, ao casto, ao integro.
Os revolucionarios são do riso,
Da eterna guerra os sempre-victoriosos:
Mais do que O'mphala é a candida açucena
De doçura edenal; é mais do que O'mbrius,
Pura gotta de lagryma—Tiridato!

* * *
O antediluvio Eden.. perdeu-o aurea innocencia
A' primeira trindade, o ignorantão *Adamus*,
Homo-Serpens, e Eva entre os dois, a mulher;
E á trindade inverteu o Eden-vida-sciencia:
Moral de sabio amor, um deus, duas amamos,
Tiridato entre Heleura e a que mais n'alma a quer,
Bóa mamman inquerula, em nacar de oiro a perola,
Terra-Eva, terra-amor; ceus-Helê, estrella-flor.

.....
Chave é o ang'lo terceiro aos dois primeiros angulos
Ou Serpens? ou Tiridato? ahí fecham dois triangulos:
Um, o que desviou toda essa humanidade;
Outro, o que a recompõe, terciio ang'lo a liberdade

—O último triâng'lo é Deus a reformar os seus.
 Perdido o da Creação; o Eden de sciencia, o horario,
 O jardim cultivado, o feito de consciencia,
 Feito á conquista, a amor, nunca ninguem perdeu.
 Surje cobra-mandada?—Aos ceus um Serpentario
 Logo a se constellar! Chimeras?—Logo a sciencia!
 Crotalos guerrem dois?—Da paz o caduceu!
 Correccões do Deus de hoje, a ver tantos esforços
 Que o homem faz por sair, das trevas em destroços,
 D'esta prisão da carne. Arachnoideas sedas?
 Cerébreos? a retina?—O resplendor do sol!
 Cruz mortal?—O Cruzeiro! As tortuosas veredas?—
 Vias-lacteas nos ceus! Pois bem, e caracol?—
 Mithridate-apotheose! o calcium do cometa
 Fogueira ao firmamento e os astros por vedettas,
 «Nada» que ao mundo ameaça e qual fulmina o raio
 Que a treva fez clarão sorrindo o «treze-mayo»:
Quatre-vingt-treize a flores—cheiro de violetas!
 Andarios os trovões, os órgãos dos vulcões,
 Rugindo de Columbia o hymno do Livre e a fé.
 A que Izabel christã, que a precursora estrella
 E' aurora, é a formosa, é a de oiro aberta rosa,
 Firmou lançando a coroa fóra pela janella:
 Que a lenda se cumprisse; e era o mysterio, que é
 Aquella «rosa de oiro». Heis-lhe o duplo thesoiro:
 Vingando aurea oliveira; e o hippódromo de guerra
 De americano horror—Eden de gloria e amor,
 No sabio Benjamin, no illustre heroe Deodoro,
 Buscam o fundador? Porém, na rosa de oiro,
 De Washington eu vejo a irmã. E' de Isabel,
 A inconsciente gentil suicida, em formosura
 Que raiou liberdade e gloria, e por ventura
 Revolução de paz; a flor ella em que o anel,
 Que a um martyr degolara, abriu; ella é Libertas
 A nova effigie, a que, das trevas sempre incertas,
 Faz a directa luz: da patria seja a *va*,
 A *doida Joanna*; mas, de Washington a irmã!
 Elle, as luctas do raio; ella as rosas de Mayo;
 Doce Venus de Milo a triumphar sem braços;
 Hellé, que em aries de oiro, ha medo e dos espaços
 Cae na voragem; bella america Amazonas,
 Mundo antigo a illustrar co'a flor das novas zonas
 Qual do Calvário a flor, por salvação de amor.

.....
 Crepusculos: os mares anilados
 E do horizonte as verdeneiras margens;
 Azul-ferrete o ceu; e o plenilunio,
 Do doiradô crystal desrola a alfombra

A meus pés: marcharemos, pois, á gloria
 Na aurea estrada por onde eu navegava.
 —Bello espectac'lo com que a nós recebe
 A natureza em luz: ao longe o barco
 Espera. Adeus aos anilados mares!

Na corrupção, pagão, o mundo primitivo:
 —Que a agua o lave!—Deus diz, e afoga diluvial
 A raça do Assassino. O Ebrio somente vivo,
 Mundo melhor se gera e mais espiritual!
 Tal, baptisada a terra, então, a Eucharistia
 Deus manda em plena luz, meridiano dia,
 Pão corpo-sacramento e vinho cordial;
 Reabilitação, mundo para christão;
 Já bem visível Deus, que é a alma universal.
 —Mas, Sátan vendo a fórma o corrigir directo,
 Se poz, a emenda a achar peor do que o soneto:
 «Deus não perdoar a Adão... a morte é o trambolhão
 «De Deus. O homem, embora a irradiar no mundo
 «Qual sol vivente, nunca á morte e á podridão
 «Resignou-se! e mortal, em Deus é o vivo immundo.
 «E a Sátan, mesmo Job, deu, a chorar, rasão!
 «Mau; sua creatura o arruinou! Natura,
 «A' pena de Caïn, não á de morte, em fim!»

Serpens foi morte a dois no Eden das innocencias;
 Heleura é vida em tres no Eden novo das sciencias:
 Lá, miragem solar, desfeito paraíso,
 Serpente, anjos, mortaes, diluvio, a arca, o Ararat;
 Aqui, montes com raiz-virtude, alliança, juizo,
 Jardins edeneos d'arte e o salvamento que ha.
 E os anjos, e as mortaes... do que immortaes, mais bellas,
 Causa do entristecer e a dor, miseria d'ellas
 Que nos ceus não existe, e aos anjos tanto incanta
 Que os faz descer á terra.

E tradição se espanta,
 Que onde era Eden é hoje o lago de Van, d'Eva,
 Transparencia d'espelho, onde mirar-se vão:
 Mais, que ao amanhecer tem o verdor de relva
 E o rombo interior fórma de um coração,
 D'onde arrancado fora o monte que além fóra
 Se avista e era o paraíso, o mesmo, e á luz d'aurora
 Até sangueo palpita. A' face então do espelho
 D'aquella onda esmeralda a noiva que se mira
 Tem do saber edeneo o lucido conselho,
 Que a punição fatal eternamente inspira,
 Se a gloria interior não desentranha amor.

* * *

Meditação; emmudecer. Distinctos
 Um do outro os dois paraísos: de innocencia,
 Perdido; e o de sciencia, inabalavel:
 De um lado o lirio evano que ausentando-se,
 Da força-Adão, fraqueja logo, ignaro,
 Fragrante; do outro lado o lirio sciente,
 Raça de quem navega no Diluvio,
 Planta a vinha-embriaguez, há liberdade,
 Que é a estrella polar, da terra o norte,
 Pomba co'o verde ramo de oliveira
 Mundo novo annunciando d'existencia,
 Lirio a buril, em marmore, em diamante,
 Todo cheio de graças e virtudes
 E meiguice, aromado a *amor-perfeito*,
 A *odor-de-femina*, a *mil flores*, que ama,
 Que em quanto antediluvios passam, morrem:
 Crê e revivifica sempre edeneo,
 Que o forte é, que desperta co' as auroras,
 Setinosos os ceus, sagrados, perolos,
 E vivos do astro scintillando os beijos,
 Os beijos infinitos, se reflecte
 Nas bellas aguas crystallinas do Euphrates,
 O Eden, Eden-Helê—que é, em novo Eden,
 Nova Eva, a immortal, que se alimenta
 De Vida, que a outra não alimentara,
 Morta á Sciencia; e que vê novinha a lua
 Coroa divina que a um só tempo alembra
 O hymen das virgens, o arco de Diana
 E d'lo meiga as ponctas luminosas,
 E os corações, que não das apparencias,
 D'imitação, no peito equilibristas,
 Porém, os que nas crenças mui formosas
 Em sacrificio estão...

Não n'os havendo,
 Então, o Creador que haja piedade
 Das suas creaturas: que ha, sem dúvida,
 Enternecendo-as desmedidamente
 (Batidas claras d'ovo nos suspiros
 Ante a doirada gemma das capellas),
 Dando-lhes prole-correcções risonhas
 Que dão sentar ás varias sem assento;
 E aos homens, dos designios seus desviados,
 Que n'azas d'alma á eternidade voem,
 Nos ceus as andorinhas de Minerva,
 Nas immortaes regiões adejem, brinquem,
 Desua vez desviando o mal satânico,
 O mal cainico, o da humana inveja,
 A morte, e a feia morte; porque ha morte

Bonita, a das auroras, que abrem dias;
A dos occasos, noites estrellosas;
Virgens; poetas.

Ora, os remadores

Todos de branco, ás margens esperando,
De um a imaginação brilhava: doces
Enlevos d'alma, e aos ceus, consigo mesmo
Falando a sós: «humilde a time inclino,
«O' toda-poderosa, oh! formosura
«Toda estellar e irmã e armenia! aquelle
«Que ás armas d'Ardeschir não se rendera,
«Rende-se á tua divinal infancia!
«Longe o martyrio de social delirio,
«N'ella repouisa, oh! beatitude d'alma,
«Lethes de amor, em que perdoar eu venha
«Aos infernos do mundo!» Os companheiros,
E que o respeitam, vendo-o silencioso
Contemplativo e bom e ao mesmo tempo
Terrivel, a Gregorio de Narag
Erramundo em magismo ouvir suppunham:

«Luz—orvalho—diamante! a luz, que é vida e amor;
«A gotta d'agua á sede; e a pedra onde se por
«A cabeça e dormir; ouviu-me Deus pedir;
«Nada mais! coisa só! luz . . . que em onda, condensa;
«Onda . . . que crystallisa em pedra—a coisa immensa
«No abysmo sidéral d'este universo! . . . E' rir,
«Que houvesse a luz . . . do sol, de um raio da existencia
«Dos astros e, portanto, do amor a eterna ausencia
(Jamais a Tycho-Bráhe em chamma o *Peregrino*
Nos ceus apparecera e desaparecera
Mudando a bella cor, qual o duan d'este hymno
Resoara); «orvalho . . . e eu sendo vida ás flores,
«Tive as lagrymas eu, que choram nossas mães
«E aljofram no rochedo aos grandes resplendores
«Ou das revoluções nas limpidas manhas—
«Mas, á metamorphose, a essa hora do diamante,
«Da pedra onde a cabeça eu descansasse amante:
«Traindo os genios de morte. . . Oh, fui pedras de mó!
«Rindo-me espedacei os thronos da vaidade!
«Eu fui raios do sol (e sem mais ter piedade)
«Povos sacrifiquei! sem descansar! eu só!»

.....
E olhava. As roupas nauticas ficavam
N'elle mais brancas, o condão do bardo:
Illumina. Entretanto, epochas houve
Dos dignitarios sem rasão do Pindo,
Quando por vinho nectar foi tomado

O vinhoso deboche; e pelas Musas
As môças do impudor: Byrons fugiam,
Molières, Hugos; e os apagadores
Do elemento de luz, senhoreavam.

Mas, da proa da argentea galeota,
Qual quando o sol deixou de ser planeta
A focus planetar, um deus ! passando,
Passara ao leme de oiro do governo,
Do mundo o náufrago e eternal salvado
Pelo eterno poder do amor, Tiridato.

Da tarde e da manhan fez-se o terceiro dia
Dormida a sesta ao meio á aragem do Senhor,
Do seu trabalho a hora, ouvindo essa harmonia
Dos mares, toda a terra em fructos e em verdor:
Vós, pois, que n'alvorada os dias principiais,
Podeis bem prolongar e sem que adormeçais
Dos astros os serões dulcissimos de amor,
Tendo da luz á festa ahí pernoitado á sesta.



«Phrixus et Helle, insania] a Libero objecta, cum in sylvis errarent, nebula mater eo dicitur venisse, et arietem inauratum adduxisse Neptuni et Theophanes filium, eumque natos suos ascendere jussit, et Colchos ad regem Æetam Solis filium transire, ibique arietem Marti immolare. Quo cum ascendissent, et aries eos in pelagus detulisset, Helle de ariete decidit, ex quo Hellespontum pelagus est appellatum» HYGIN. FAB. III (ÆSCHYLUS, OS PERSAS).

Bemaventurados os que teem fome e sede de justiça. JESUS.

Quarto dia

Horas do coração: dias formosos
Deslumbrados em raios d'esplendores,
Horas d'Eden—oh, dias de paraiso,
Salve! salve! Parou o tempo em extasis.

.....
Parado ás sombras d'arvores de Vida
Está nos jardins d'Ara descansando,
Ordens de Ut-alla', o qual-mineiro Arsácida.
Meditava: alli perto o jardineiro
Mulgindo vaccas ou regando flores,
Um habil gemmador de acacias veras
E rhododendrons varios; via a casa
Boa para morar, a escada branca;
Entre os da mesma idade via Heleura
Convalescente, aos incantados mundos
Dos que hão no peito a elevação magnanima;

Dizia: o grande amor redime as victimas
 Dos pequenos amores: já desperta
 Na liberdade, Heleura, incendiada
 Relampagos de Deus serás! existes,
 Existimos—oh, tu, salvada minha
 Das trevas, que vampiros desangraram,
 Javardos assaltaram! Ai quem perde
 Seu pae na infancia! Da reforma a gloria,
 Porém, mais que a que nasce é a que renasce—
 Oh, quanta formosura! Hellè-Libertas
 Não naufragou nas ondas e mas surge
 D'ellas co'o vello de oiro, aries vivente
 E que a defenderá. Em tanto, Heleura
 Já não sae dos canteiros vicejantes
 Com Salgemma a florir e a ramilhetes
 Rosto de amendoa Nnethe, vendo heroicas
 A *mandada* feliz; e Ut-allah vendo-as
 Irreprehensíveis, anda ao flóreo grupo,
 Ordena, que os espinhos cortem, varram,
 Por onde o astro dos ceus revoa e brinca.

—Oh! a cobra *mandada*!... bonançosa;
 Frescura matinal o ventre, a fita
 De luar por sobre as glaucas aguas, mansa,
 Dentinhos a amostrar tão sem veneno
 Contra Eurydice ou contra o Eden d'Heleura,
 Doce norma, tortuosa atravessando
 Os trilhos dos jardins—d'onde surgia
 Por incanto! o prazer era, a coragem
 Das meninas que ás sextas vinham vel-a.
 --E o qual-mineiro cheio d'alma, rude
 Antés que os anjos aos jardins descessem,
 Viu negra vara: Pœan! e eis morta a cobra
 (Pois elle a viu armada contra Heleura)
 Futuro d'Eden. Que tristeza! Heleura
 Nem voltou mais! A' dor d'aquella morte
 Qual-mineiro falou, e ouviram todas:
 «E' o perdão que faz a remissão;
 «Deus não perdoando, charidade ha Serpens:
 «Ai tu, reptil de dor, que Eva perderas,
 «No antigo Eden, como es d'este Eden de hoje
 «O elemento de amor!... não volta Heleura
 «Mais ver-te e nem brincar nas flores!»

Rindo,

Sobre a linda cabeça Heleura enrola a trança
 Qual *ninho de serpente* e encrava flor d'esp'rança:
 Qual fosse um pensamento em desincantamento
 Desdobrou-se o clarão d'iris em rectidão.

---Resplendeciava o dia: os ares luminosos
 E flores de jasmim; varam dos horizontes
 Niveos pombos--reluz! Dos ceus descobridor,
 Tiridato os prendeu, collos puro-estrellosos,
 Fúlgur ringir-tremor: ás estellantes fontes,
 Os copos de diamante aereos vindo errantes,
 A séde em fim parou. Quem manda a onda de amor?
 A gloria do Diluvio--oh, salvação! embarca,
 Thesoiro euphrateo, ao ceu! E vós, remeiros da arca,
 A' luz do astro polar vogai a bella flor!

* * *

A' mesa virginal já vem sentar-se
 (Come ambrosia e bebe o puro nectar)
 Qual-mineiro, do Martyr os cabellos,
 Do que surgiu do inferno e está na aurora;
 Olhos preclaros d'essa claridade
 Em que, no humano bom, vê-se o bonito,
 Vê-se a chamma do terno, a eternidade;
 Na cor do iris sem fim vê-se o Infinito;
 A fronte ampla; e comendo e rindo; os dentes
 Açucenas gloriosas. Doce Heleura
 Co'as sanctas forças que eram de Telemaco
 E o sorriso mortal de quem adora,
 Murmurando *não presta...* repartia
 Com elle os fructos. E nenhum corava,
 Qual quando por debaixo andam da mesa
 Levianos pés. Dos ceus reinava o riso
 Que nada teme das traições do mundo.

No oposito do rei mora Tiridato,
 Qual de um tumulto de oiro á liberdade,
 Conversa com Djorokh e o bom Tigrano:
 Deus da hospitalidade! leal, divino,
 Nem por ser o palacio da harmonia,
 E de vida e de sciencias o novo Eden
 Chrysol que ardente ao oiro depurasse!
 Contava-lhes: «Fazia o bem aos homens:
 «Ai de nós quando a nós os elevamos!
 «Ou não podia d'elles separar-me
 «Deixando-os tão rasteiros: aos escravos
 «Fiz liberdade: ar puro onde era a peste;
 «Gemia um grande imperio--ai de quem ouve
 «O gemido dos homens! Polyphemo
 «Era, que ao seu rebanho devorava.
 Ninguém furou-lhe o olho: que mais nada
 «Para o vencer foi necessario. E o viram
 «Medroso aos trambolhões ir morrer longe,
 «A terra ainda retreme. Ora eu descanso

«D'essa tremenda lucta. E revolvendo
 «As fezes das nações, brotaram flores;
 «Hercules fui, que lhes limpando o estabulo,
 «Salvei-as eu da corrupção (mau grado!)
 «Enchendo-as de oiro e de virtudes... Premios?
 «Crucificavam-me: e eu que resurgia,
 «Continuava ao bem d'elles, qual descanso
 «N'esta verde collina de novo Eden
 «Onde ás revoluções forças eu tomo,
 «Ouvindo, amando a virgem mocidade,
 «Borboletas que esmaltam sobre os ares
 «Os meus doirados pavilhões de guerra
 «Scintillando sapphiras e entre os bosques
 «As chammas dos rubis. Fui tosão de oiro:
 «E thesoiro de amor transporto agora—
 «Hellé não teme horrores do Hellesponto...
 «Nem aureo Aries é sacrificado
 «Nos altares de Marte; mas, pacifico,
 «Dra com ella ás glorias dos vindoiros!
 «Eu era a patria: e contra mim s'ergueram
 «Os inimigos d'ella e meus libertos!
 «Fugir? . . E então saudades dos que eu amo?
 «Dos meus ceus, dos meus rios, dos meus campos,
 «Que nada teem co'os homens quando reinam
 «Lançando impostos sobre os nossos tectos
 «E sobre o nosso pão. Ardeschir, dizem...
 «Decapitara a grande raça: e apenas
 «Se ainda alguma cabeça errante vive,
 «A preco ella anda. Mas, não é mendiga:
 «Só é formoso o mendigar homereo
 «Do oiro pelo oiro, os olhos d'alma e os olhos;
 «E p'ra Zoilo o que Apollo dera a Midas;
 «E para o dorso de Thersito... um sceptro.
 «Triste d'esses! desvãos, d'entre os gloriosos
 «De Deus-Omnipotente, eis que os humilha...
 «Mulher?... Só a que é crente e com amor não mente;
 «Chora, em vez de cantar; crê, em vez de chorar.»
 Tigrano amando, e o ciume até de um vagalume:
 —Onda do Euphrates! diz, mais vale undificar!—
 Djorokh diz:—Fogo deus! o deus dos homens,
 —Oiro, solido fogo: tudo terra!
 —Se vos roubam, então, nem mais carinhos!
 —E de vós que hi ficais abandonados,
 —Fogem todos! ouvis, cantor Demódoco?
 —Mais nada tendo os livres que roubar-vos,
 —Emigrai d'essa patria!--Ainda Tiridato:
 «Porém, Deus guia a estes jardins de Vida,
 «Onde os odios sociaes todos s'esquecem:

«Resurgir, ter nova alma, novo peito--
 «Nem ha melhores dons que a solitude
 «Desde que faz-se a luz da Intelligencia.»

Se as caucasias meninas spirituosas,
 Sempre garridas, tanta queixa ouvissem,
 Oh, quanto não ririam! Porém, surdas
 Andavam, co'os saraus muito occupadas.
 E andam tranquillias, já sem medo, ao incanto
 Da soidão dos salões vastos, e que ornã
 Retabulos da historia, que ao deserto
 Redobravam pavor, porqué as pinturas,
 Diziam, que falavam, que acenavam,
 Tão animadas practicando entre ellas.
 Nem ás calmas os passos vagarosos
 E a deshoras transvagos, tardos, fundos,
 Deus ou Sátan, e a que muralhas tombam,
 Ao redór d'Eden não s'escutam. -Como
 Pavorosa mansão euphratea alienca,
 Memorial, quasi-viva, longevissima,
 D'onde pedradas contra os que passavam
 Chuviam, era, pois, o ceu na terra!

* * *

Oh, d'alma a rectidão de luz! deprava-a
 O meio, social que a ve desnorte--
 Visões de olhos sophismos: e começam
 Decompondo a Deus-vivo, amiserando-se
 Das flores, porque rindo desabroçam
 E exhalam: «ai, florinhas, que destinos,
 «Que iman demonio assim pelos cabellos,
 «Rutilantes no ar tem-vos! ai, Evinhas,
 «Que sois da humanidade a gloria, a esp'rança
 «E de Cynthia as çucenas resoando
 «Seios ignitos, fructos crystallinos
 «A' hora da queda d'Eden desponctados!
 «Moradoras dos reinos gloriosos,
 «Dos thronos d'esmeraldas sobre as nuvens:
 «Do seio os pombos tremulos stelliferos,
 «Se amor logrou prender--o seio abrindo,
 «Formais de scorpões o ninho, o' virgens !»

Co'o cynismo estellar Helle corrige:
 «Crystallinos attentos, quando olharem,
 «Vejam: constellação que além resplende;
 «Bello jota! Jehovah! Jove com astros
 «Rubricando nos cetis! amor, o sello!
 «A carta, em pranto o coração!» E lendo:
 «Existencias pre-sentem-se infinitas;

«Agitam-se os virgineos seios-Edens:
«Instinctos divinaes roseos transvagam.»

Vasos, brincos nas azas, nas crateras
Flammea erupção de rosas; cortinados
Ceus-descendo purissimos em nuvens
D'essencias paradisiás; e os tocheiros
Giganteos de oiro na amplidão ardendo
Dos salões alfombrados verdejantes
Campos-clysios onde vão parando
Grupos das almas bemaventuradas
Dos heroes immortaes, que se reclinam
Nos espaldares mysticos, lentosos
Nas miragens de vago espelhamento
D'ampla vaga, amplo oceano concavando
Diaphano-amplas, reflexas e profundas,
Elá, nas sombras das acacias-veras
Luzeluzindo olhares refulgentes
Scintillulas formosas—oh, as bellas,
As sempre-doces bellas, d'onde fora
A terra edenea e onde ainda assetinam
Ceus de doirado azul, nos sons, nas vozes
Ainda, ainda aroma o bdellio e ha cornelinas
Nos trinos da ave e ha perolas nas virgens,
Dos sentidos fusão co'os sentimentos,
Ceus dos tempos de Deus!

Porém, n'esta hora,

Enquanto as virgens, niveos finos dedos,
Com frescas alvas sedas e os franjados
Claro oiro e com rendas, qual escumas
Que estão sempre alembrando Cytheréa,
O thalamo nupcial sorrindo ornavam:
Tiridato descendo e previdente
No subterraneo ferro-abobadado,
N'essa alegria rude dos juventes
Guerreiros, praças d'armas e de amores,
Aos nautas que, qual sombras, o serviam
Por debaixo da terra, as urnas de oiro
Dava á guarda. Ut e Hellé, se approximando,
A voz ouviram d'Ara, que á demencia
Condemnava Ardeschir.—Alba-dorida,
Das chammas proclamara ao salvamento
Heleura, que no incendio era de Lucifer,
E a voz parou em Ut.—Hellé ruidente
Scintillou co'esse grito de andorinha
Da chorda do arco (ora, Ut-allah dobrara-se
Como os arcos luzindo se recurvam)
Quando os heroes o vibram: «Vivo! vivo!»

Celestial gratidão: o Arsácida houve estrella,
 Oiro, armas, raios d'ella ao d'elle braço ingente:
 A' incruenta vindicta o paraisal ardor:
 Um idyllio reinava, a eternidade bella
 Em seu throno edenal; um doce omnipotente
 Oiro do aureo da aurora e do que ha nos ceus contente,
 Que um tumulto enviara a um *reu* libertador.
 Tardes do Euphrates—quem d'esse divino reu
 S'esquêce, descantando a proa triste e quando
 Acordara a menina a ouvir, a olhar ao ceu !

.....
 Longe, os que não sabiam, lamentavam:
 «Ai a nobre criança ! a tantas mágoas
 «Quem resiste no mundo? é o pae que a chama:
 «Não se vê mais a argêntea galeota
 «Vogando os remos de oiro, leda a proa;
 «O rio entristeceu.»

Mas, quando viram
 Fresco-recente a altiva columnata,
 Floreo-puro o arabesco resplendendo,
 Da carcoma lavados os relevos
 Que denegriam tacitos solemnnes
 Sem o risonho doce-branco, e os marmores,
 Como açucenas nos jardins espumam
 Co'o primeiro chover da primavera,
 Na candidez festiva dos noivados:
 Chegou a vez dos invidos murmúrios
 «Pallida inveja podridão dos ossos»
 Cancro da humanidade; e á tão damnosa
 Da alheia gloria, os corações torceram;
 Cobriu-se a terra de villões, d'hediondas
 Rans, de sapos, de harpias pustulentas:
 Antes, porém, que a Heleura envenenassem
 E com o amor que hão deuses centenarios
 Aos anjos d'aurea luz de adolescencia:
 Abrindo as nuvens, a previne Orómaso,
 «Que é o mundo assim mesmo e aquelle o espirito
 «Da patria do Argonauta.»

E vieram sanctos,
 Os semideuses do catholicismo
 (Tempo feliz em que a mulher fiava!)
 E hora os bellos relampagos na esphera
 Instantaneas coróas, supercilios
 Com que Jove acenava, são reflexos
 Da aurea porta quando abre á eternidade
 Entrando as almas, gloriosas, grandes—
 E que é *mythologia symbolomorpha*
 Se não, dos ceus, a terra oppressa ás tontas,

Antes da luz, do sol christão sagrado?
 Se não meteorologicas imagens
 Inspirando aos mortaes, ou nos desertos,
 Ou através das nuvens, ou nos mares,
 Revelações de Deus? Sempre os relampagos
 Lembrando o eterno Pantheon.

E vieram
 Educar a fraternidade: brônzeo
 Character d'encravar dos sentimentos
 Do homem, e que ainda ahi está vago e romantico
 Sem ter esp'rança em melhor verbo. Embora
 Frei Luthero luctasse, Torquemada
 Queimasse: todas crenças 'stão com dúvidas.
 Se pelo encinerar, um pretendera,
 Qual nos tempos heroicos, pelas honras
 Gerar nos corações um melhor sangue,
 As sepulturas ao subsolo pútridas,
 O trigo d'essa terra certamente
 Deu pão de degeneração. Julgados
 Da propria consciencia, legislaram
 Seus códigos penaes E iam andando,
 Quando João-Jacques revolucionario
 Diz: *confiteor*; que os mais reformadores
 Não dizem. Porém, serem mesmo «uns deuses»,
 Foi, para os homens, do Senhor o cânõn.

Mas, pretendentes moços, os mais nobres
 E os que co' as moedas das herdeiras sonham:
 Deixaram de rondar com serenatas
 Que fazem sonho ao somno das que dormem;
 Nem nos cavallos roseos e doirados
 Não param nas collinas litteratos
 Contemplando saudosos, ou sob árvores
 De larga e bella sombra, á prata do Euphrates
 Olhando e a onde, os kiosks florejantes,
 Brincava Hellé Oh! como a bemdiziam!
 Ui! como agora falam! quem ouvisse
 Os pretendentes da estellar donzella...
 E a rirem rir sem tom nem som. E Invidus:

«Oçam, amigos, solta ao sol ella saltava
 «Nos confins do pomar; atrepa na amendoeira
 «Desequilibra, embala, e a rir, fructa no chão!
 «Farrapos o vestido aos galhos lá ficava:
 «Outras gritam; se zanga e as deixa—que brejeira!
 «E vai-se nuazinha á paternal mansão,
 «De todos toda vista, e sem recato algum!...
 «Fechar olhos... que fiz? nem mais eu pensei n'ella!

«Ser pretendente eu ?.. tu?... nem que fosse Isis bella...
«Trigo d'espiga, e diga.» E applaudem.

—Hum ! Hum ! Huum !—

Orómaso, dos ceus abrindo as nuvens, olha,
Vê; de Zoroastro *zour* lustral n'elles gotteja;
Torna as nuvens fechar, qual quem conhece a inveja.
—Que mais, genios do mal ! Atropos alma abrolha
Dentro de vós, que em nós risonha vos festeja.
E Hellé d'entre o seu mundo, phenix de amor feliz,
A luz se d'ella emana, é a alegria; esfolha
Ramilhetes de Myrto ou corre e infantil beija
O qual-minciro Arsácida agora em ceus de liz.

Onde, hypocritas, onde a indecencia ? a nudez
De um astro; ou de Lysisca o aurivestir dobrez ?
A *virgem* de Musset; de Tacito o *carão*;
Ou a *descaradinha*, a luz do lar christão ?...

Bem haja esta: velita reluzente,
Salvavidas fluctuando nos naufragios
De ferreo mar, a um deus mysterioso !
E Hellé, vestida de papae-abre-olhos,
Ao espelho vissem que mamman não foge,
De oiro o pendão de galas, que illuminam
Peruleo nimbo divinal, sincera
Diz: «Cherubim ás róseas portas d'Eden,
«Novilunio meteoro eu vi caindo,
«Tiridato infermara ao cynthio eclipse:
«Crendo eu no fluido-amor das sympathias,
«Chás das minhas roseiras, charidosos
«Uns vomitivós ponches... fiz mal, dóctor?..»

Um accidente no Eden: assentando-se,
A cadeira quebrou-se, e a baixo dóctor
Machucou o chapéu das cortezias.
—Ceus ! as meninas, eram taes risadas,
Que elle, até então suspenso, agora estoira:
«Abrahamus ! Abrahamus ! quando, quando,
«Raça maldicta escutarás á sciencia ?
«Eu que ao rei desthronado fui confôrto
«E da filhinha Heleura o guia, o amigo
«Aconselhando á hygiene d'Esculapio:
«Vossa edade eu conheço, herdeira d'Ara,
«Vamos ver... oito anninhos... treze ?... é pouco !
«Oh, terriveis as leis do matrimonio !
«Da esposa-rosa eu sei... deixai, criança,
Aos do facultativo bons cuidados,
«*Tempus...*» Risadas ainda mais selvagens !

—Porém, divina e carinhosa Heleura,
Ao redór do hombro d'elle um braço, canta:
—Ama-me a deusa
Que protege aos lirios—

.....
No sabio cerebro as visões passavam
Do impiedoso Nimrod e das montanhas
Deslocadas da terra; da cidade
A arder do Tigris com seu rei nas chammas,
E com elle os thesoiros e as esposas,
Que de saudades nada lhe ficasse;
Da temeraria torre, sotoposta
A' Babylonia e a soluçar; derruindo
O mundo em confusão--e que foi quando
A cadeira quebrou-se.

O cão amado
Saltou mordendo a Hellé no mesmo braço.
E ella o sangue enxugando, então co'o o pélo
Curou do mesmo, e a haver moral profunda
Do guarda do palacio: o afaga o Arsácida
Com quem Atthys, o cão d'Ara, folgava.
E nem chorou Heleura.

Mas, philosopho
Vai, gallo d'Esculapio, convidando,
Felicitando: quem não ama os noivos!

* * * * *
Preparam-se os banquetes: aureos vinhos,
Fimissimos aprestos. *Demoiselles*
Ao desdobrarem ruge-ruges sedas
Discutindo *toilettes* novos-Edens:

«Vai haver premio na festa
A' mais modesta...»
—E á mais bonita, já sei:
Oiro?—«Qual oiro...»—Brilhante?—
«Qual brilhante...»
—Então é noivo! acertei!—

E escutava-as Heleura: e sempre rindo,
Sempre a brincar co'as syllabas dos nomes;
Vendo Ut-allah e o Arsácida a arrumarem,
Gritava-lhes: «bons filhos, Hutte e Thyride,
«Em nome de Deus uno, meus herdeiros
«Vos constituo!» E os perturbava e ria
Na alegria infantil dos incantados.
E Ut-alla', as mãos dos dois nas mãos que aperta:
«Mais que o eterno thesoiro do universo,
«Heleura, o thesoirinho, momentaneo
«Da vida nossa, es tu: beija a Tiridato!»
Séria Helé—Quem eu sou?—

«Esta açucena
 «Da pureza das notas de Bellini
 «E o sentimento d'esta Natureza !»
 —Dizem que estais p'ra vos casar?—
 «Comtigo !»
 —Deus me livre !—Tirídato beijando
 Roman rorante ao ceu da aberta bocca
 De alegria divina: «Sempre rindo !»
 E então, severo e meigo, e brandamente
 Pondo d'ella no dedo o anel sagrado
 Que lhe dera sua mãe na hora da morte:
 «Deus ! Polaris !» E Hellê transfigurou-se
 Ante o fronteiro pólo qual se torna
 Riso de luz em pedra de diamante:
 E a sempre-a-rir menina, eil-a a senhora
 Sempre-sisuda e bella e prudentissima.
 E Ut-allah, quão divina os vendo unidos !
 —E Ut é o mundo social, terra que move-se
 Entre os dois, não separa, mas os prende
 Prende, á Norte-polar, Austro-alpha-crucis.
 —Conjugava-se o verbo-Deus: eu amo?
 Eu sou amado ! confirmavam ecchos.

Da tarde e da manhan, o sol no firmamento
 Dando luz e calor, a lua dando luar
 E estrellinhas pungindo os beijos: n'um momento
 E' feito o quarto dia; a sexta ao meio, o lar.



Now morn, her rosy steps in th' eastern clime
 Advancing, sow'd the earth with orient pearl...
 half her swelling breast
 Naked met his under the flowing gold
 Of her loose tresses hid. . . and press'd her matron lip
 With kisses pure; aside the devil turned
 For envy... MILTON.

Óra, Amor vendo então que eu o feria
 Com suas próprias armas, brandamente
 Olhando com sorriso me dizia:
 «Mata-me, se te apraz, barbaramente;
 «A morte é-me ditosa n'este dia:
 «Liguet dois corações, morro contente.» NORTE.

Quinto dia

Iam tornando-se alvas as collinas
 Onduladas ao oriente: ares saudáveis
 Natura sempre-joven respirava;
 S'expandiam os átomos das luzes
 O Euphrates prateando; e os astros lípidos,
 Diamantinisação vida d'Heleura,
 D'esse incolor fulgor que está ratando
 E matutino treme e resplendesce
 Ao risonho incarnar fulgente d'ella.

Ibis religiosa, do horizonte
 Veiu, lentoso o voo, e sobre a ameia
 Poitou da mansão d'Ara; outras tão brancas
 Vieram, poisaram, longos docemente
 Os collos enlaçando, co'a virtude
 Dos nascentes clarões no ar verdejantes--
 «Boas novas, Helé! candidas aves
 «Em manhãns de noivado, boas novas
 «Dão das benções dos ceus!» Todos extáticos

Olhando para o albor, sentindo estavam
Nos raios de oiro, emanações de Lucifer,
A harmonia de Deus descendo á terra.

É os noivos a bebiam co'a doçura
Dos enlaçados puros collos d'Ibis,
O ouvido ao ouvido glorias transmittindo
Que não sabem dizer-se: como quando
Em polidos setins os dedos tocam,
Ou do myosotis no iris d'onde o genio
Da perfumada residencia rege-nos
D'esde o berço a este amor-fidelidade—
Mas, dizer-se que o symbolo, o nadinha
De um *forget-me-not* é quem governa
Os destinos do mundo . . e meigos, stavam
Em doce communhão olhando. E Heleura:
«Astro-alegria, divino sentimento
«Feito crystal nos ceus entre amaranthos;
«Feito na terra orvalho-amor, sagrados
«Prantos, quando por nossos paes choramos
«A magna dor! Azues os olhos d'Eva.
«Dizem, meus, eram ondas, que ficaram
«Terra-firme, de salvação de naufrago—
«Doce, doce, quando é papá que envia
«Deus infeliz a terra d'esplendores!»

.....
Mas, nos festins do amor e dos prazeres,
Dos lindos roseirae e o canto e as danças,
Dos risos e os aromas e os banquetes,
A noite se passara. Não delirios;
A divina anciedade venturosa
A que incendem 'smeraldas dos diademas
E hão insomnias no ebúrneo collo as perolas,
A existencia das moças palpitava;
E os moços, o sarau co'o sol findando
E elle ahí vindo fatal, «oh! quem da aurora
«Podesse os passos retardar.» diziam.

.....
Na rósea mesa, a etherea similhança
Do rosal do Mazis, ao centro, e onde
Os noivos e os amigos se assentavam
Bebendo ponche-Hellé que inspira crenças:
Duas tochas que ardiam *crystallinas*
Co'a divindade do natal dos que amam,
Tão sonoras confundindo luzes,
Derretendo-se unidas, consumiram-se.
De *Cygni*, o astro binario, Heleura pensa

D'ella e o esposo; constellando Ut-alla',
A ideal conjunção—ceus, quanta gloria
Na noite paraisal, noite divina!

.....
Era por mãos de Heleura feito o ponche:
Hiberio vinho, que exaltou Columbus,
Ou da vinha em que Noé s'embriagava;
Leites, que aos Hippomolgos transformaram
Nos mais justos dos homens; e agua limpida
Que a lagrymas paternas similhassem,
Ou dos rochedos do Deserto. E rindo,
Tomando as proporções, em jarro de ouro
Crémeas ondas jorrando oxigenando
Audiencia dava aos sonhos d'esperanças
No último *rendezvous*—quão bellos foram!
E a eterna gloria Heleura reflectindo,
D'ella o semblante, quanto interno luzo,
Transluz estando na felicidade!
O ineffavel sorriso, ao mesmo tempo
Desgraça e bemaventurança, doce
A consternar o mundo, o riso noivo!
—Oh, quem podesse retardar a aurora!
Os órgãos amorosos n'ella estavam
Rosal celeste ao imaginar brilhando,
E a lhe entrançar o Arsácida, améigavam
Os gloriosos cabellos, sinos de ouro
Da liberdade os ares resoando!
«Nova patria! novo Eden sobre a terra,
«Tu vais commigo à eternidade?»—Eu vou!—

Eden... róseo viver, sempre-noiva existencia;
Em chammas de pureza e divindade-amor
A virgem social: ahi corre um Eden-crença,
Após o esposo a esposa é ser toda-formosa:
E unida se assentou, do noivo ao lado, a flor!

Sorrisos doces dos presentimentos
Quão penosos-gloriosos! tal quando Eva,
Ruindo a estrellada abobada sobre ella,
Ao sair d'Eden ria-se p'ra o mundo
Aos grandes dias da maternidade:
E vinha o sol que fora incantos d'Eva,
E era incantos d'Helé. Raios cegavam!
Tiridato, de purpuras trajando,
Do sangue o resplendor, era a magnanima
Flor-liberdade, da metamorphose
Do rei Ara chrysalida brilhante,
Do homem-terreno Adão. D'Eva terrena

Chrysalida é a rainha; é a senhora;
 Mas, a ideal metamorphose, a bella,
 E' vida-Hele, sciencia, é a inmutavel
 Perfeição estellifera, que aos séios
 S'illumina: Virtude s'illumina.
 Cór d'Hellesponto-em-luz teias vestindo,
 Era Heleura o clarão das alvoradas
 Que s'espraiam nos ceus emquanto Lucifer
 Vai co'a scintella precursora o dia
 Incendiando do sol. Porém, não findam
 Doces sponsaes no leito dos amores
 Quando atroam clarins da liberdade
 Pelos filhos da gloria. Em gloria o Arsácida
 Não perde a guerra, que Ara o rei formoso
 Perdera, quando nos rosaes das nuvens
 Andava do Mazis. Não amorinhos;
 Vêde—do grande amor os desposados,
 Da acção e do ideal: a este consórcio
 Decretaram, a terra e os ceus, victoria!
 Como os alvos encontros da aza fulgem
 No momento em que aos ceus Ibis fitando
 Vai levantar o voo: a árvore edenea,
 Que edenisava, se transfigurando,
 Um raio claro-lucido, alvorava:
 —Quem condemnou á morte a virgindade?
 —Quem, ao zoonio procrear, os homens?
 Brillam os hombros de crystal vivente
 E o collo adamantino e a fronte e os braços
 E as tranças, do astro o resplendor, da noiva
 Ao divino momento, á gloria!

Entrava

Na eternidade! transparencia augusta!
 Virginal sanctificação!—Heleura!
 —Assim, tenebra a terra, silencioso
 Em amostrar Jesus se comprazia
 As transfigurações s'illuminando,
 Vissem 'scravos de Cœsar quão mais bella
 Fulgia a liberdade. E o adoravam.

Da tarde e da manhan (creados peixes e aves
 Carnes brancas) Deus fez o dia quinto, *Veneris*
 Dia d'azas no azul voando ethereo do ar:
 Nefasto dia aziago, ao navegante e ás navés,
 Que aos Redemptores dá patibulos *sui generis*,
 Dá á terra o orvalho e aos ceus rosas a irradiar.

«Cresçam e appareçam.»
Propaganda republicana

Sexto dia

Eden—oh, promettida! oh, Chanaan! dos sonhos
 Edade de oiro! á sesta os ninhos mui risonhos,
 Todos malfeitos, ceus! todos de amor perfeitos!
 O semprenoivo amado e a sempreviva flor.
 Casado amor e prole é o templo do trabalho,
 Terra que o negro arou, vendo da planta o esgalho,
 Dos fructos o cair, do estomago o clamor.
 Ora, *in principio* o verbo á genesiaca sciencia:
 Não ser sataneo mal, sendo a lealdade-Deus,
 N'esse estado da crença em clara consciencia,
 As terras das manhans alvoreavam ceus
 Com a poesia-amor, porque é poeta Deus.

.....
 Findava contradança um grupo de precoces,
 Scintillações os pés e os seiozinhos doces,
 Ai limoeiros dos ceus, d'uras prisões de Deus!
 Fructas d'aurea fructeira, atas, nanazes, peras,
 Qual dentro de um navio o balancear a ré,
 A' proa, a esti, a bombordo, em seus *chassez-croisez*,
 Edens sem Serpens ainda, á adolescencia linda,
 Risonhas e gentis, mui serios os perfis
 Como ás musas convem, que a Apollo querem bem,
 D'entre espinhos a flor; d'entre as flores, amor.
 Clio, divina historia; Erato, eburnea lyra;
 Thalia, bella masc'ra; Urania, os astrós gyra.
 Hastes de luz á léste, e o rir no olhar celeste;
 Melithytas-hyblé, mel, vinho, leite e té;
 Navalhas d'aço argenteo á roda da Fortuna,
 O agave a estalar do ar, d'aura á sorte importuna.
 —Espiritos azues dos ceus! que ás flores matam
 Que o aroma, os sonhos d'alma, aos ceus lhes arrebatam,
 Onde estais?... «Onde a flor?... diz Zephyro de amor: g

«Povo de beijaflôres (o *inconstante*
 E' quem fala) «onde a verdadeira amante,
 «Esta alba-candidissima, aureo dia?
 «Esta auroral-rubor alexandria?
 «Oh, edeneacs Evinhas lacteos dentes,
 «Que em fitas de setim prendem serpentes,
 «Ceus que evaporam, se de rosas coram!»

E os moços: o porvir da patria juventude,
 Altivos, rectos; mais, se falas de virtude,
 Respeito ás grandes leis, que veem do amor a Deus;
 Gentis irmãos, sociaes, cheios da intelligencia
 Do trabalho e do estudo, essa divina essencia
 Que amar faz á Republica e adorar os ceus!
 Alma piedosa e bôa, e havendo os traços grandes
 Das sociedades honra, eram character-luz,
 Tanto ao riso aossaraus como ao s'erguer dos Andes,
 Coragem no cair, ou ao subir da cruz
 Da patria pela gloria aos hymnos de victoria:
 Pois, como é formosura a só distincta e pura;
 De homens, o só bonito é o genio do infinito.
 E' só bonito o homem quando a estampa
 Faz esquecer pelas acções formosas:
 Socrates, esse é o homem, sol fulgente,
 Carangueijola feia. Em Philadelphia
 Não raiou liberdade enquanto a altura
 De tocar a rebate o sino brônzeo
 Não se despedaçara á eterna formosura.

.....
 Ouvem?... rugir d'enorme incendio no horizonte!
 Da terra o estremecer! d'armas o estrondeiar!
 Oh, o exercito persa!... E lampejou a fronte
 Do Arsácida que ergueu-se, e o peito a lh'estuar
 Leão petrificado e subito acordado!
 E o edificio euphrateo, Eden de vida e sciencia,
 Communicando o ânimo ao galvanar magnanimo
 Não já lago verde onda; ora, em fogão de crença
 Já transformado ideal, já de vingança então
 Bramiu! todo resouu! e de ânimo atrevido
 Pólo a pólo contrário, e ardente e percutido
 Os muros apromptou, contra o inimigo a acção
 Templo que vivo assanha a apocalypse entranha,
 Reluzem os umbraes vivos! vivas paredes!
 De ardor o reluzir! da guerra o reluzir!
 Relampagueavam dentro espelhos de Archimedes
 E ante elles se quebrando os raios serpenteando
 Láminas de navalha, Eden que s'esbandalha,
 Subterreo ermo bramir ignoto no porvir!

Raios! irrompe o sol, Deus!—Phebo-Apollo entrando
 Nos radiosos saraus!—Deus! o deslumbramento!
 Das salas o clarão rótico ao clarão solar
 Electrico incendiou! almas divinizando,
 Em polarisação a luz e o sentimento;
 E o palacio incantado a arder ideal no ar!

—Rucchabah! Rucchabah!—de fóra a gente a olhar.
 Deus! a verdade então perfeitamente bella,
 Do sol sendo maior do que a terrena estrella
 Milhão e vezes mil trezentas! S'evolando
 Tantos zeros nos ceus e a sós *trezes* ficando:
 «Mando bramir os ceus! quero abrazada a terra!
 «Templo de Janus, abro as portas! sou a guerra!»
 Beijou a Hellé. Rugiu! relampago; partiu.

Cabeça que anda a preço, ao descobrir-se em frente,
 Rompera o retintin de atroz lutar. Luzente
 Heleura, attenta o ouviu: se fez raio, o seguiu.
 —Pedrinha astral olhai, que entre assassinos cai!

Lançada de Jasão pedra aos dragões, Tiridato
 Os viu uns a outros maus, se devorando. A Hellé
 Monta em Aries ideal aureo, e do Infinito
 A' direcção lhe diz: «Se luz! tem crença e fé!»

Meteoro formoso! o Fogo abraza a aurora!
 O incendio da alma-Deus! conflagrou Deus agora,
 O mundo illuminado! bella auroral visão!
 —Já Tiridato andava: Heleura era o clarão.

Como, após o Diluvio, se formara
 O de Jehovah bello arco d'alliança
 D'esmeraldas, e rosas sobre as nuvens:
 O d'alliança das chammas viu-se ardendo
 Após o incendio patrio e de novo Eden
 Por sobre novos mundos. Livre Heleura
 E o qual-mineiro Arsácida, surgentes
 Nessa ditosa união da Patria edenea
 Bella qual um solsticio e a Liberdade
 Bella qual Deus, no iris estão das chammas.
 E um róseo mundo se apagou nos ares
 Qual de uma face a flor purpura-rosa;
 E a terra ondudou prantos como mares,
 Do olhar beijando a chamma gloriosa
 A que o mundo oscillou todo e sumiu-se.

—Porém, Aries ideal, lans estellares,
De gloria as lans vibrando luminosas
Ao través da avenida que aurea abriu-se
A Hellé leva. E balindo no Infinito,
Qual campa ethereal, guia a Tiridato.

.....
Já os ceus teem coração.—Estais ouvindo, ou não?

.....
A' noite ouvi das illusões risonhas
Quando dançavam anjos qual descessem
Roseos gansos das nuvens—confulgindo
Em peito que abre ao transparente espaço,
Ai! dentro d'almas incantadas, d'esses
D'eternidade-Deus, paixões sublimes
Em que fumeja o cerebro dos que amam,
Que tão depressa odeiam! derrocada
Dos corações que cedem da victoria,
Cedem da alma orgulhosa a bem do mundo
Quando os sorrisos virginaes já mentem
Ao sentimento honor. Estão ouvindo?
—Qual a de orvalho gotta adamantina
Que por horda infernal sendo esmagada,
Ainda ao campo humedece e vivifica:
Eis miniatura de uma grande patria
Onde a loucura de homens fez desordem,
Fez miserias... os Persas devoraram
O novo Eden d'Hellé, desde os thesoiros
Té as muralhas dos limites! o Euphrates
Lá vai bradando-o á terra, aos mares. Ouvem?

.....
Deus fez o mundo á sesta: e a sesta é a saudade;
Quem saudade fizer, esse tem feito um mundo,
Um coração ao outro em laços de amizade
Todos os animaes. Do ceu azul-profundo,
Saudade universal sentindo o Creador,
Fez, último primor, Eva a humana esperança
Que estando a olhar risonha aos ceus, como quem sonha,
Dos ceus Deus manda a Adão, alma á terrena flor,
Chave de oiro á Creação. E espelho Deus, descansa
Procedente universo á eternidade-amor.

E' uma formosa página da historia do mundo a aparição da liberdade na terra... Athenas é como um ponto luminoso nas trevas; mas deve, como o sol, illuminar o mundo... E' antiga tradição do Oriente, que Salomão possuía um anel em que os anjos haviam gravado o verdadeiro nome de Deus... Eu creio no anel de Salomão; creio nos prodigios do verdadeiro nome de Deus: Pae Nosso !... AIME MARTIN, *Educação das mães de família*.

«O paço, ou o povo ?» *Propaganda Republicana.*

«A tua vida á minha gloria insulta !»
Disse, e como o kondor, descendo a prumo
Dos astros, sobre o lhama descuidoso,
Pavido o prende nas torcidas garras
E sobe audaz onde não chega o raio...
Voa Itajuba sobre o rei das selvas,
Cinge-o nos braços, contra si o aperta
Com força incrível: o colosso vérga,
Inclina-se, desaba, cae de chofre,
E o pó levanta e atroam forte os echos.
GONÇALVES DIAS, os TYMBIRAS.

Septimo dia

Pois... saudade se faça á doce luz da graça,
Dos descansos de Deus e o amado, Heleura, e teus.

Do sabbado, Senhor, o homem fez o domingo
Dia do sol, primeiro á luz tua e trabalho,
E em vez de trabalhar, descansa á adoração !
Mas, principiar orando, é ver da luz ao pingo
Os dias da semana, as cartas do baralho
Dominical, e após, *segunda*, o trabalhão
Dia da lua: é ser em Christo antes que em Deus;
Antes que ser em Jove é ser com Prometheus,

Que é ser a humanidade e o fogo ao coração:
 Mas, lhe ficando o errar do perturbar a Deus.
 (E que ha mais cansativo? oh, o pensamento activo!)
 Estava decretada a sorte melhorada:
 Metamorphose os quer em genios immortaes,
 Da grande acção heroes, acções eternas, taes
 De Moysés, de Jesus immaculado: o em que hão
 A limpeza exterior, que um sacramentourgia,
 O baptismal, e o em que hão *corpus-eucharistia*,
 Que é transformar o corpo em de virtudes pão;
 Em sempreviva Hele, polar que fixa e cre
 (Emquanto roda a terra) e ama á revolução
 Tiridato, dos réus a luz, em luz de Deus.

Na humanidade eternamente rosas
 Desbrochando edenaes, raciocinaram
 (E mesmo pela causa rebeldia
 Por que a mulher, do homem divorcia)
 Haver sido a mulher, que é flor da terra,
 Do que o homem primeiro feita; e o homem
 Então depois (qual sendo o ethereo orvalho
 A que abre a flor) quebrada uma costella
 Que quer dizer eterno desazado
 Por ser quêda, das nuvens: eloquencia
 Que entendeu a divina, sendo amada,
 Não dominada como Deus o ordena.
 Então Cassandra que mentisse á Lyra,
 Não morreu Clytia pelas mãos de Apollo,
 Nem d'Echo á falta se afogou Narciso,
 Nem, proprios males, é factora Augita.

Só, á soidão universal da terra
 E os cabellos crescendo-lhe formosos
 —Vejam Sansão!— Dalilas suspiravam:
 Ora ia andando o Arsácida, incantado
 Todo á interior visão do raio que ouve
 Dos ceus, e vibra n'alma, a crença d'alma
 Vencedora do mal social.

E ia elle,

Ceus! do archimau tyranno Cæsar louco
 Que das trevas resume todos monstros,
 Em qual fascinação tomar as armas
 Contra Ardeschir, com que, a Ardeschir e a Nero,
 Elle predestinado destruiu—
 Viu-se a antithese a essa hora se fazendo
 Na Armenia espaço, e mesmo onde foi Eden,
 Para o phanal da luz, sombras oppostas.

Qual um deus trino, cujo ceu é a patria
 Para a qual fôsse-o guiando do Infinito
 Não mais o incandescente halo de luzes,
 Mas do amor a açucena sempre-bella
 Levada d'Aries ideal balindo,
 Que de ao través do azul sagrado ethereo
 Ouve e seguindo vai na terra—

«Os Persas

«Incendiaram, Deus! o Eden de virtudes,
 «Das alegrias da Virtude eterna,
 «E que elles não crearam, desespero!
 «Cinzas!... ao renascer, Phenix doirada!
 «Creação nossa de Sciencia e Vida,
 «De quanto foi banido do paraíso
 «Do Creador do orco-mundo e os ceus distantes,
 «E Elle invisivel através: e a terra
 «Lhe reflectindo a imagem n'essas dores
 «Dos cinctos d'alvas conchas; nas tristezas
 «Vindas dos risos; flores, dos sepulchros;
 «A vida, d'Hela-morte-eternidade;
 «Clarão solar que ha sede dos desertos,
 «As ambições sociaes, o amor, a gloria,
 «Os mares de oiro; e os ceus azues-dourados
 «D'onde as mirageis vãs desapparecem,
 «Qual desgraças nos seios dos abysmos!

«Dai codornizes, fome dos desertos!
 «Caide, pão celestial, manna celeste!
 «Sede! sede! estalai d'onda os rochedos!
 «N'esta camera ardente, ceus e terra,
 «Assoberbado a todos os terrores,
 «Por todas trevas esmagado e como
 «Expiando crimes de uma raça inteira,
 «De um povo Hebreu qual fosse o responsavel!
 Iris formava-se; elle descansava:
 Tontejavam-no sonhos—Frigga! Frigga!--
 Do pavilhão as sombras gloriosas
 De iris de fogo e chammãs E s'erguendo,
 E seguindo: «Oh, ser entre Deus e Satan,
 «Qual de oppostos principios ás vinganças!

«E o abysmo azul todo ao redor da esphera,
 «Astros accesos cosmicos—luz grande!
 «Aonde a luz vai, depois que no ar se apaga?
 «Aonde foi tanta luz que deslumbra?
 «E echo em torno á esphera o azul abysmo

«Quando Deus, quando Sâtan o atravessam,
«Nem d'um nem d'outro é o retinir que eu oiço,»

Nos ares uns trebelhos geniozinhos:

—Menino manco, quem te mancou?

—Foi a pedrinha...

—Que é da pedrinha?

—Está no matto .. fogo queimou...

—Agua apagou...

—Quem fogo occulto n'alma ateiou?—

Querem os ceus altar e sacrificios:

Odin ! Odin la vai, perdido um olho !

E elle, ouvidos tapando, e os pés bem firmes,

Seguindo a linha eterna do occidente:

«A patria ! a patria ! dem-me a patria minha !

«Ou morro das saudades sempre vivas,

«As saudades dos ceus, dos sonhos nossos,

«Dos seios maternas da nossa terra !»

Relampago das nuvens d'azas brancas:

Voz d'Heleura gritava—adeante ! adeante !—

E seguindo: «Que o Eden, só a patria

«E' melhor ! esse amor da liberdade

«Em que se faz o bem. Se hontem ainda

«O Cordeiro de Deus á cruz subia,

«Luz de aclarar as trevas: das sciencias

«Hoje são os arietés formosos

«Que sobem pondo o pé no hombro das trevas,

«Que a luz s'eleve ! Dem-me a patria minha !»

E ouvia a Helé dos ceus entre relampagos:

---Dem ! dem a patria d'elle ! do que os Edens

Mais vale o patrio lar, d'onde possamos

Distribuir beneficios de nossa alma

A's novas gerações: é nossa a patria

Doce herdadinha só melhor que os Edens---

Chegado ao mar, bramiu tempestuoso

Qual as vagas, as náufragas, as loucas

Negrejantes que ante elle s'elevavam:

«Deus ! Deus ! onde haja o mundo quanto seja

«Execração e horror, d'esse ainda venha

«A justiça dos ceus ! que não d'hypocritas,

«Não dos que ao teu Cordeiro assassinaram:

«Mas do inferneo instrumento da vingança
 •Tua, com que ora a humanidade açoitas:
 «Partindo os raios da neronea treva,
 «Cae por terra Ardeschir, e é livre a patria !
 •E morre o homem que findou seu dia,
 •Acabou seu trabalho; o meu começa,
 «O trabalho de luz, depois das trevas.»

Táboa de salvação. Longe, nos mares
 Naufragado baixel fluctuando: elle ouve
 Os echos d'innocencia desgraçada
 E de resignação divina; os echos
 Que ouviu tambem Heleura ás tardes do Euphrates
 Quando os ceus soluçavam: *Se me salvas*
Tambem te salvarei!

Sobre o crepusculo,
 E n'um ceu de crystal rindo o crescente,
 Eburnea vela, branca flor dos mares,
 Longe, longe, mais longe; navegavam.
 Elephantes das vagas negrejando,
 E ficando o horizonte solitario,
 No firmamento s'elevou cometa
 Aurea sombra dos que se ausentam. Portos.

As estrellas desciam e o beijavam:
 «Como as filhas da noite são formosas!»
 —Que importa onde pernoita, onde descansa !
 Aonde tem de chegar, eis o que importa:
 Gotta de sangue que circula e torna
 De novo ao coração; o sol tornava;
 Chegava aurora homerea rododactyla
 E os aureos pães dos cegos entregando,
 Entre oiro e risos desapparecia.
 «Oh, quanta ilha amorosa ! é Sapho e canta;
 «São Poseidono e Theóphana, incantados;
 «E' a desincantada aurea pendente
 «Helena Argiva, eternamente bella
 «Como o são as perdidas da innocencia,
 •Que por Deus voltam conflagrar o mundo;
 «A tanta mágoa as rosas desmaiaram.»
 Oh, como a esta hora os salteadores ventos
 A's roseiras retorcem ! qual salteando
 Os outros ventos dos saraus, nos braços
 Os roseiraes suspensos volteiavam:
 Eram doces as musicas humanas;
 A natural, que ora oiço, eleva ao homem.
 Cercavam-n'o diuturnas de meiguices,
 Alma de sol-zenith em plena Grecia,

Zeus! logo em plena Ausonia, luz de Vesta!
 Glorioso nimbó o rodeiando luminoso
 Qual nunca visto d'antes; visto agora
 N'esse incanto dos ceus circumpolares,
 A dizerem que o mundo se acabava,
 Entre os occasos d'Hesperus e as tardes
 D'ethereaes violetas. «Dem-me a patria!»
 E ouvia-se dos ceus: E' d'elle a patria
 Onde decretam ceus, d'Helé-Libertas!
 «E a terra, e os astros—sempre ao oriente
 «Volvendo a terra, e os astros ao occidente:
 «Eis d'onde os infortunios que resultam
 «Contrárias direcções.»

O iris das chammas.
 E á sombra descansando, elle escutava
 Doiradas Harpas do sentir do povo:
 —Constança, nunca me esqueças,
 Que eu nunca te esquecerei—
 Nos rochedos gemendo tristes naufragos;
 Nos céus estrellas cheias de brilhantes,
 Cheios de amor os corações na terra;
 Florejavam edeneas. «Que d'incantos
 «Nas illusões dos gloriosos cumes!
 «Nos serpentinos raios d'entre lãminas—
 «Ha! ha! ha! ah! do pelago os gemidos;
 «Da treva a acção; das flores o negrume;
 «Das brisas geniaes de vida, a morte;
 «D'involta a esphera nos azues abyssos
 «Que a attracção teem dos seios brancos d'iman,
 «E em thesoiros de amor tezoiras d'Atropos;
 «Ao oriente o fulgor na flor, e logo
 «A murchidão: Deus, Sátan! n'um só lirio
 «Os affectos vivendo em flor, destruindo-se
 «Em murchidão: Deus, Sátan! duplamente
 «A mesma humanidade Deus-vivendo,
 «Sátan-morrendo! em mesma formosura
 «Deus á face gentil, dentro vil Sátan!
 «Coração róseo, fel negror: Deus; Sátan!
 «Como quem cae e como quem resurge,
 «Eva-Adão, á Sciencia árvor, de morte;
 «Helé-Tiridato, á árvore de Vida.
 «Eva, a cabeça tendo pequenina
 «Linda, da Grega Helena; tendo Heleura
 «A brancura-cadaver, morta rindo,
 «Um crystal doloroso, que dá pena
 «Ao coração, que de cuidar sobre ella,
 Transforma-a, anima-a á luz: e eis Deus ao incanto,
 «D'aquella gloria ao amor!» Fechava a noite;

Abria aurora estradas gloriosas:
E olhando para os astros: «Se condensam
«As nuvens: são comícios e commovem
«E s'esmagam dynamicas, dos raios
«A eloquencia em fuzis subito-electricos
«E as chammas que fulminam; e o planeta
«Tremendo á etherea palavrada—Como
«Cae d'improviso o ceu! e as nuvens livres
«Dando licções á terra». Elle estudava-as
Do relampago á luz que á bella fronte
Momentaneo aclarava; adormecia.
Sonhava: eis flor de amor traçando um m,
A doce «morte» a que tremera a terra;
De um lar ditoso ás solidões enchendo
Vozes do Euphrates, arcos de harmonias,
Fructos das lorangeiras incantadas,
A' aurea mesa lucifera d'Heleura:
E o despertavam genios de vingança:
E elle a Deus-Creador: «Triste existencia
«Das luctas contra os ceus e contra os mundos!
«De uns deleites provindos de Natura
«Nascem homens, soffrer da humanidade!
«Ai de Jesus! da cruz, compadecente
«Dando ainda o perdão da hora da morte!
«E os roseos natos, todo-amor os toma
«Aos braços Deus e os cria: então, formados
«D'Elle, n'Elle vivendo: fórmas d'Elle,
«Dizemos á esmagada flor escrava:
«Bia! vem libertar a raça tua!
«E a scintillinha logo incendiando.
«Dizemos á innocencia enlouquecida
«Da corrupção do throno: eia! derriba-o!
«Da-lyra-a-ultima-chorda os sons vibrando,
«Caem os thronos!— Deus, que a esphera involves!
«Dizemos: ai d'Helé! quão desangrada
«E rindo na orphandade! E surge a patria,
«Da scintillinha alevantada bella
«Pedra angular qual é do christianismo
«Baptismo em fogo e o reviver dos mortos,
«Lazarus o leproso ou Magdalena
«Miserrima, Aos hodiernos tempos édenos,
«As crianças perdidas e somente
«Amostrando-se em luz, rindo em desgraça,
«Fazem revoluções na Eternidade!...
«E os radiosos de Deus, resoando, vêde-os
«Mastros que ao procellar desarvoraram,
«Mas não quebraram. Mas, ha visto o mundo;
«Não com artilharia; a luz apenas,

«Pelas reacções dos ceus, vencer á terra !...
 «Uns visionarios subditos rebeldes
 «Sem ordem régia doutrinando os povos,
 «Monumentos da luz de Apollo erguendo,
 «Distribuindo victorias como os deuses
 «A' liberdade ! e a rit dos regios thronos,
 «Do genio a gargalhada que os derriba,
 «Se não erguem da luz os monumentos !—
 «Eis o crime, Ardeschir, de um fructo nádo
 «De uma flor, e de Deus-Omnipotente
 «Vivente á imagem, Quanto há practicado,
 «Se lhe agrada, de amor e de virtudes,
 «Dil-o fortuna e os corações o dizem
 «Em cada peito bom; não peito ignavo
 «Teu, assassino-rei ! Sou prisioneiro,
 «Não de tuas armas, sou d'esta aurea trança»—
 Qual de Alexandre ao travesseiro a Iliada
 Illuminava os sonhos, tal o Arsácida
 N'uns de cabellos raios fulgorosos
 A noite adormecia; edeneos sonhos
 Astros dos ceus d'Heleura e novos animos,
 Ella ao romper d'aurora o despertando,
 Elle andava, ao clarão d'ella, á alma d'ella
 E os vindos d'ella, doces pensamentos.
 Ardendo a sesta, os arcos se formavam,
 De fogo os pavilhões, que o abrigavam.

Porém a fama a percorrer os reinos,
 Que tanto era preciso: «Os que o encontrem,
 Logo o assassinarão». E a negra fama...
 Do homem a divindade se perdera
 No Eden, d'onde por Deus fóra enxotado:
 Não sendo cão, é deus: portanto aos Edens
 Volta de novo... De Ardeschir a escolta
 Infernal, invisível, o assaltava:
 Luctar co'os invisíveis !... e seguia
 O sempre vencedor e do outro mundo
 Já n'este as tradições ouvindo suas—
 Ai, que o rodar constante do planeta
 Fez a loucura a todo o humano cerebro !
 —E a negra fama, de Ardeschir a fama
 (Deus, que septimo dia de descanso !)
 Fóra pungir ao proprio Nero ! e eis Nero,
 O khaos, d'onde se faz a luz-Tiridato:
 Calcando o pé n'aquella treva immensa,
 Cresceu e appareceu a Liberdade!
 Centenar triumphava a Inconfidencia...
 —E humilhado o tyranno, estremecera;

—Ante as legiões de Galba, suicidara.
Contentes ceus, o bonnet phrygio em Roma,
Sorria d'esperança o christianismo
Cheio de amor. E do Calvario a hostia
Se hontem fora dos maus sacrificada,
Era agora a maldade que aos infernos
Descia, porque um homem s'elevasse!

.....
«Madre terra; aerial luz-vida; na onda,
«No fogo, no ar, o crear da Omnipotencia;
«Terra vivente a espumear humana
«E á Divindade resplandecendo a espuma
«Das gerações; e os seculos, camadas
«De pensamentos amontoando eternos,
«Té frente á frente achar-se o homem com Deus
«Justificando-se, o Infinito e o findo,
«O intelligente e a Intelligencia—olhando-se,
«Alma-Creadora e a creatura n'Alma.
«E as invisiveis legiões das trevas
«Com as legiões dos ceus, no humano cerebro
«Fazem seu campo de batalha e luctam:
«E na erébena lucta... ninguem vence
«Ao homem, da terra o sangue e tertia fórma
«Perfeitamente a fim de revelar-se
«Ao través d'elle o Deus incomprehencivel,
«E claro ahi proclamando: homens-Homeros,
«Aurora eternamente cor de rosa;
«Homens-Jesus, eternamente dia:
«Volvendo d'estes centros planetarios
«A' roda, no Infinito, os outros astros,
«Cada um clarão segundo a intensidade,
«Tanta quanta em si d'Elle revelaram,
«Em vivo Deus os homens reviventes:
«E eis a immortalidade sobre a terra
«Nos archivos da Historia resoando.
«Astros ha, que se apagam; ha, que nunca,
«Do tempo embora os nevoeiros, nunca
«Se apagarão.—Relampagos formosos!

«Terra morta: d'alli propulsam vidas,
«Luzem, do Eterno-Deus glorias proclamam,
«E recolhem de novo á terra morta;
«Ficou aos echos quanto proclamaram.
«E o soffrimento? o golpe mais saudavel
«Que a fé nos deixa dos que são-nos caros.
«E quando chora o homem. Natureza
«Resente-se da grande dor e triste
«Se approximou do peito solitario

«D'onde o lirio edenal caiu sorrindo,
 «Mas, como o homem, filho das delicias
 «Momentaneas dos ceus, prende-se á terra!
 «Tal nos mares a espuma sobrenada,
 «Proa de nau que eleva-se ao instante
 «De bater no rochedo: é riso a espuma
 «Em que o mar s'esbandalha humanidade.
 «E a tristeza de Deus feriu minha alma...
 —Dem-lhe a sua patria! só melhor que os Edens!—
 «Elle que era a alegria, o amor, a esp'rança,
 «Já não stá mais em mim. Estou no vácuo,
 «Na viva sepultura: que tristeza
 «Quando sem Deus! E o círculo s'estreita
 «Dos invisiveis assassinos ledos
 «Que as esperanças... não, não nos mataram.

 «Como os melhores filhos de Deus forte
 «Contra seu pae revoltam-se bramindo!
 «E atter-se á vida longa, é a virtude
 «D'honra de Deus: que então vivamos! D'alma,
 «Vê-se a immortalidade de além-tumulo
 «Doce convidativa dos suicidas
 «Que o mundo deixam: vão-se a Deus-Eterno
 «Peregrinos dos ceus, quão saudosos!
 «Em tanta luz as victimas divinas,
 «Luso Nestor, Newjerzeo Nazarethno!

«Debalde o telescopio ha devassado o espaço;
 «Olhos mortaes não vêm os ceus onde está Deus:
 «E atravessando a Deus, ou noite, ou sol mormaço,
 «Já prostrado o homem diz: Braços de Briareus,
 «Mais sciencias! trabalhai mais poderosas lentes!
 «Começam, entretanto, os ceus sempre-presentes,
 «Em cada homem que os busca.» Helé lhe achava Deus.
 E os ceus lhe eram correio: «Oh, ceus! ella emmudece!»
 A nuvem lampejava; o astro, o trovão falava;
 Noticias elle via, do ceu que á terra desce:
 Todo o invisivel mundo, os vivos plainos aéreos,
 Fadiga ao imaginar e á dúvida os mysterios,
 Atomos que abriam luz, meteoros que torneavam
 O aureo pó do deserto, a «progredir!» bradavam.
 —Trevas na terra e no ar, Libertas!—«Caminhar!»
 No abysmo o homem caía. Mais alto resurgia.
 «Adeante! ao lar-Helé! tem fé no amor e creê!
 «Ai de quem não resurge e que ao s'erguer não ruger:
 «Homem, homem cai: Deus sou; e resurgi!
 «Removo a escravidão!» Brinde de ponche-Helé
 Tendo o número-raio entre flores de mayo:

Quanto riso infeliz, a ter chammas de amor!
 Quanta musa perdida, a ter seu trovador!
 Bella revolução! Mas, viu-se á liberdade
 Trevas *reformigando*... oh, a calamidade!...
 Não: no mesmo logar um astro á Cruz brilhar
 Des d'então viu-se á tarde, um cravo-noivo olente,
 A fronte adamantina e pura e refulgente,
 Que as mães dizem: colhei e ao peito recolhei.
 Echo vindo d'Helia... Helé que aos ceus s'incanta;
 Que á terra vai guiando; e quando desincanta
 A terra, o relicario a dar força ao Calvario,
 Na ubiquidade ideal. Descansa o homem mortal.

Iris de chammas. E habitantes d'iris
 Geniozinhos de luz, vestidos roseos,
 Dando-se as mãos ás mãos, rindo cantavam:

—*Nos dias doirados,*
Nos dias d'infancia
Arfava meu peito
Não sei se de amor.—

«Doces imagens, como sempre vindes!
 «Gumes de aço vivente com que a terra
 «Vencemos! vejo a coruscante alvura,
 «Os collos fulgorosos arrulhando
 «Glorias do coração: transluminavam!»
 Ferro em braza no peito mudo-indomito,
 Para a estrella polar sempre seguindo.

Semaphoros. As mais formosas crenças
 Em mundos de miragens o levavam,
 Entre risos de amor, á Liberdade.
 Manhans d'anjos: uns lirios candidissimos
 Co'os aromas angelicos e os risos
 O beijavam; e desappareciam
 Como fogem manhans de Venus d'alva.
 «Descia ao occaso Marte em bellas chammas;
 «Da doce cor de luz dos pyrilampos
 «A lua de crystal: á noite andamos.
 «Deus enxotando do paraiso ao homem
 «Propriedade sua: á Eternidade,
 «Pelo fructo da quéda alevantou-se
 «O intemerato, a sciencias. Deus augmenta
 «Com cada um homem-Deus. Não nasce o filho
 «Sem que se despedace a mãe formosa;
 «Nem surda patria ouviu, enquanto o bronze
 «De tocar a rebate não quebrou-se
 «E caiu resoando á Liberdade.

«De cada quédá forma-se uma gloria.
 •Ha, través d'estertores, harmonias;
 «E das manchas do sol, os resplendores:
 «Tortuosas leis, leis grandes do universo—
 «Quem vos educa á livre nova patria
 «Se não Victoria escrava-soberana
 •Curvando-vos ao solo irradiados
 «Porque ameis ao que é vosso e que fugieis ?
 «O filho de David, em Deus o unguido,
 «Salomão, é o monarcha; o eleito é Washington;
 •Jesus é o Sacerdote mysterioso
 •Do coração da humanidade: o educa
 «N'esse conhecimento de si proprio,
 «Cada qual veja o vidro e bem defenda
 •O fragil reino seu, no reino nosso—

«Alveo de areia, onde estão tuas ondas ?
 «Onde a formosa carne, o' branca ossada ?
 «Deserto o sol, candentes os rochedos,
 •Serpenteava coral; d'azas flammivomas
 «Na arte pensando de exaltar volupias,
 «Os cinnamomos davam melodiosos:
 «E pendiam; passaram. S'inclinando
 «Os olivæes em flor, ás meigas brisas
 «Além demarcam verdejantes symbolos !
 «Que os amores alembram; rosa edenea
 «Todo o horizonte d'incarnado esmalta;
 «E os alvos bugaris, quão puro o aroma
 «Ao redór do casal! alvas campánulas
 «Ao luar argentíferas trementes
 «D'entre agulhas de Adão no paraiso
 «Florescendo d'yuccas—abrazavam!
 «Ai as que hontem brilhavam, feneceram:
 «Azas da róla gemedora, arderam;
 «Seios das Amazonas; se assentaram
 «Aos festins os espectros mentirosos
 «Algozes das florentes, salvas, salvas
 «Ou dos zeniths nos halos fulgorosos
 «Ou das vagas dos mares nos lampejos
 «Bilaminados cerulos, doiradas
 «Vagas, longas serpentes, s'enrolando
 «Aos longes do areial; um grande brado
 «Crystallisou n'um campo de rebanhos—
 «Jacob pelas esposas que chamava,
 «Alvas mãos Lia, os ceus os collos brancos
 «Incantados de amar; Rachel menina
 «Bilha azul na cabeça vindo á fonte,
 «Os cinctos puros qual do mar a escuma:

«Mesa com pão feliz, nectar de gloria,
 «Risos dos ceus: nem ha maior banquete.
 «Astro binario aos ceus equilibrando,
 «As mãos de Lia e de Rachel os braços,
 «De Lia os braços, de Rachel os olhos!»

Ora, foi o caminho retardado,
 Da liberdade os prantos esquecidos
 Pela causa de um beijo, o rir seraphico
 E os dentes cucenaes jardins edeneos
 E o puro aroma e a musica infinita
 Dos risos (e acontece quando amantes
 Heroes, revoluções fazem lentissimas):
 A flor da laranjeira fôra o leite,
 A alva papilonacea o travesseiro:
 «Hontens formosos, hojes da verdade,
 «Já *amanhans* são horas de saudade.»
 Ai da que delirou!... porém, é d'essa,
 Que não d'Eva no Edén thríons vestindo,
 A triste causa da tristeza humana:
 Pois o esposo da Argiva que a imitasse...
 Não fôra Troya incendiada. E a Grecia
 Restituindo ao lar belleza adúltera,
 Base e alicerces alluiu dos lares:
 Só é baptismo em fogo hostia de graças
 A de Naim mais bella. Ao ceu cegara:
 E a terra, qual todo-astro o ceu, rebrilha
 Preciosas pedras, ou metal palpita;
 A terra sente, e ao verdejar s'externa
 Troncos, balsamos, flores, sons; terra ama,
 Lhe é chamma o sangue espumejando vidas...
 —Qual da Nau-Argo o astro mysterioso,
 Tempos em grande irradiação e tempos
 Diminuindo, e se apagando, e tempos
 De novo ao resplendor: assim na Historia
 Apaga-se o mundano e o homem é soberano.

Foi n'esta confusão dos varios pensamentos
 Agua que de manhan fitava o oriente e via
 Das horas o destino a cada ignoto dia,
 Que o Arsácida andando á neve, ao sol, aos ventos,
 A' interna direcção do raio celestial,
 Ou fosse abysmo a terra, ou turbido oceano:
 Chegou; a Urbs entrou. Se revelava o arcano:
 Brilhava a cor do dia essa hora do auroral
 Quando o sol deslumbrou co'as luzes—o clarão
 Do gladio de Cherub ante o Eden-coração.

No monte Palatino as doze aguias voavam
 De Romulus nos ceus. Do Laciū abençoavam
 A campanha, Saturno, Aeneas. Roma eterna
 Era o immenso topazio, a universal materna;
 Do Tibre a onda sonora em lâminas vibrando
 Harpas de brônzea chorda e o Capitolio echoando;
 Involto o Goliseu em sedas d'escarlata
 Incendiava, alto o sol, qual pavilhão de Marte.
 Vaticinava Deus: de Cæsar eram festas
 A' armenia liberdade. Ardía a luz das Vestas,
 De além dos ceus balindo Aries ideal, d'Hellé
 Tiridato escutava, ao que ninguém mais crê,
 Que era Roma feliz: revoava o bonet phrygio
 Nos astros, das visões formava-se o prestigio.
 Numa ao horizonte, Egeria era o crystal da fonte:
 Tremia a Natureza ao vago presentir.
 Nero a cantar no palco, entre applausos, menalco,
 E o povo escravizado e a bom comer e a rir
 A ouvir, triste candura e qual da sepultura,
 Dos vermes o roer, o illuminar do imperio,
 Rejubilar do mundo ao resplendor de Nero,
 Splendor de Satanaz, que a hora da quæda faz.

Ao banquete neroneo e vasto e sulphurante
 Não assentou-se o armenio bello supplicante:
 Porém, todos em pé, quanto á diplomacia
 Requer entre nações politica harmonia,
 Despediram-se: o Arsácida andando sobre flor;
 No throno universal ficando o Imperador.

.....
 Vega o Arsácida: os mares espumosos,
 A vaga novembral crystallisara
 Mediterranea: e do rochedo á roda
 D'encontro á Solidão mugiam vagas,
 Naus desnorteadas se quebravam: stando
 O horizonte sonoro e illuminado
 Do sol, que faz deserto aos ceus dos astros,
 Elle á volta contempla e exulta em Deus:
 «Como, da altura, todos tresloucaram!
 «Aguas, que á tempestade desaninham,
 «A quantos, quantos vi se desabando
 «Persios *doibãds* dos ares! almirantes
 «Sem bussola e sem norte; e apenas grandes
 «D' Eólo o assoprador». Avista os cumes
 Quem fugiu moço para a guerra, e volta
 Brancos cabellos—mas, co'a liberdade
 A' terra. Ai! reflectindo o raio interior
 Que dos ceus vem d'Hellé, sentiu saudade e amor.

Pedras cantavam:
 —Chegou Vahaghen
 O vencedor!
 —Rostan? Já fuge
 Rostan traidor!
 Gloria á victoria
 Da guerra-flor!

.....
 Passado era Ardeschir, o tigre armenio
 Degolador de todos os Arsácidas;
 Nem por mãos fora morto de Tiridato.
 ---Que não destruam do passado os marcos,
 Os marcos tenebrosos! mas, fronteiros
 Que os novos marcos do porvir s'elevem!
 Tudo a se ver, carranca negregada,
 Ou a recennar chrysites ceus risonhos.
 E chegara dos ceus vingança---t raem?
 Ai dos ladrões que julgam a Republica
Ré d'elles p'ra ser d'elles loucos publica
Justicada! a Mãe-Pública! a Mãe-Patria!
 ---Mas, sobre os taes passara aest pe negra:
 Edeneo ar puro respirai

Atroam ..

Sublime! os ceus atroam co'o relampago
 O mais formoso de Jehovah na gloria:
 Qual se o peito de Lúçifer abriça,
 Rompeu-se n'um trianglo a estrella d'alva
 E ao clarão matinal viu claro o mundo:
 Dos ceus penderam candelabros de oiro,
 Luzes como romans illuminaram.

Viu a patria, a sua patria! a doce patria armenia
 Verdejante, feliz, sonora, rindo edenea:
 Não mais os paços reaes; annel de claridade,
 Cinctos de sentimento a cercam, divindade
 Muralha das paixões dos grandes coraçõs
 Que o Destino elevara ao genio vingador:
 Homem que ahí se firma, ha gloria e é vencedor.
 Ora, ia a suspirar da interna solidão,
 Quando a esphera moveu-se ao ethereal clarão.

Raio de mel que em raio de Deus fez-se,
 Que em trinta e tres milhões de tempos desce,
 Vem do Infinito; entrou nos ceus d'estrellas;
 'Sstá no espaço do azul, do sol no disco
 E tão resplendescente; está nas nuvens
 De fina prata e de crystal brilhante;
 Formou-se o arco celeste---sobre as chammas

parte negra

Andando, ella vê do Euphrates a edenea
 Onda sagrada, lhe sorrindo os lares:
 Em terra!... beija-a, beija-a, beija-a o Arsácida,
 Christo de amor beijando a um lirio puro
 Que do mundano pó s'espanejara.

Grita Helê para os ceus: «A voz como a de Deus!»
 E elle meigo a revendo e sobre o peito a tendo:
 «O coração chammeja; Iris sacode as rosas
 «Cobrindo toda a terra: oh, como estão formosas!
 «Já tens o cincto d'Aurea; olhos d'onde transluz
 «O amarantho ideal, ao estatuario dorso
 «A'scuas de um beija-flor e o hyacinthino estorço,
 «Fagulham! aureo o ondão, nos puros hombros nus
 «Que hão d'arenacea alvura as dunas patrias, puras!
 «Descanso euphrateo meu, pranto meu e alegria,
 «Mundo de coração! Eva da Creação
 «Que a Deus deu descansar! nem Deus descansaria
 «Se lhe não dêsse esposo; e o dando, descansou:
 «Da terra a flor, requinte e essencial e san-ue,
 «Que em dor toda humilhada, em gloria s'elevou.
 «O peplum . . . firmamento azul-pó-de-diamante,
 «Que através faz sentir os ceus de um astro amante.
 «—Das azas de crystal o luminoso triangulo,
 «Descendo á terra, ostenta um lume em cada um angulo:
 «O Incanto, o Incantador, e o Incantado-Amor.»

Qual, direcções inversas, a grande Ursa
 Gyrando, helice á popa do planeta,
 E a Ursa menor, que á poncta luz da cauda
 Polar fixa estreilinha áurea magnetica,
 Topazio aos ceus, pharol de amor á terra:
 Tal, da grande Eva e da pequena Heleura
 São os destinos d'inversão, á quéda

Brutal, a que saiu pura das mãos de Deus;
 Mas, ao reerguer d'esp'rança, a que infeliz se achara
 Com Lusbel decaído, e só, e que a salvara,
 E que ella tambem salvou—doce união dos ceus!
 Já diamanteo candor, brilhava o astro crescente,
 E alli fronte poisara o sol rubro occidente.

.....
 De Vida 'árvor', thesoiro o eterno vello de oiro,
 Que não será por arte o sacrificio a Marte,
 Hellê se consagrara ao ser mui bella e a crer
 No livre moral riso, esse porvir paraiso
 Que o Euphrates lhe educou e é luz no peito a arder:
 Moral belleza o methodo e as vozes tão doiradas
 A nova éra cantando, ás róseas madrugadas

Quando noite chorara e o pranto ao sol brilhara:
 Coração com amor, fronte com resplendor:
 Na humana mortal treva, Heleura aos seios d'Eva.
 Não educar ao livre, é estar sem cidadão,
 Sem virtudes a mãe, sem respeito o ancião;
 Abandonar o livre, é illuminar Sodoma,
 Patria sem lei nem Deus, de Cæsar-Nero a Roma.

Mas, em fogo a dos homens desditosa,
 Das cinzas Phenix surgirá gloriosa...
 E o caduceu da paz, feito com viboras:
 Já d'Heleura e Tiridato florescem
 Do novo Eden os lares, Já das sestas
 Nas sombras incantadas, ella escuta,
 Oh, a doce oração dos que se adoram ! ...
 Reconhecel-a, carinhosas vinham:
 «Mesma bocca, uma rosa consagrada!
 «Mesmos dentes, uns lirios matutinos,
 «A candidez dos lirios de virtude!
 «A bocca de verdades, tão formosa
 «Que sem nunca dizer palavras torpes,
 «Que sem nunca mentir, sempre florira;
 «Gneirosa bocca, das romans e as murtas,
 «Que a extinção dos traidores decretara
 «Victoriosa, e extinguiu-se o vampirismo.
 «Oh, a estação ditosa da Republica,
 «Da alegria das bênçãos e das flores,
 «Afortunados lares das familias !
 «Deus ! mesmos olhos, grandes amarantnos
 «Que ora hão chammas e estão qual terra aurifera,
 «As terras d'Hevilath, as luminosas
 «Rochosas terras-firmes, occidentes
 «Terras de salvação, que olham a Vida !
 «Mármor'branco-sagrado, umbrosas riscas
 «Pureza do candor da alva açucena
 «E o sentimento d'esta natureza—
 «Oh, transfiguração !... Eva, co'os olhos
 «Sempre do azul, morreu, do banimento
 «Que a Sciencia esmagou; e a tantos males
 Não poderam doirar !»

Perdida, Eva banida,
 Eva do paraiso fóra, é a triste humanidade;
 Sempre Helé no Eden-Vida, é a humana divindade,
 Dos olhos doce beijo, e os labios granadinos
 Mudez em que s'incanta a enamorada flor.
 Olhos do fixo olhar, dos rouxinoes co'os hymnos,
 Das terras d'Hevilath e do amarantno a cór.

De Vida árvore, Heleura á sombra amante e bella
 Tendo o noivo: ao Eden seu não vá Persa ou serpente,
 Do astro polar a luz em raios fixa á frente,
 Do seu aureo casal: e então na sua estrella,
 Arachnida gloriosa em teia cuidadosa,
 Na Eternidade está: sempre mais bella ainda
 Da moral formosura e activa por ventura—
 Como do amor á luz resplende árvore de Vida!
 «Bom modo?» Exp'imentou: «Eu chamo, vens?»—Eu vou!—
 Modo dos passarinhos.
 Viveram calladinhos:
 Ninhos todos mal feitos,
 Todos de amor perfeitos.

Do paraíso duan se ouvis o pormenor,
 Vereis resume todo o poema encantador:
 Balindo Aries ideal, a claridade ideal,
 Subindo d'*Agnus Dei* e livre, ao entrar nos ceus,
 Lucifer triste riu: sendo o primeiro riso,
 D'esse, Deus fez manhan que é como paraíso
 Em que s'incarna Heleura. Ella o jurara: «a Deus
 «Por ti, que es só maldicto onde tudo é bendicto,
 «Pedir a Deus eu vou, astro que a Helê salvou»!
 E á noite confulgindo, a terra aos ceus unindo
 Astro cadente, a arder do ar no amplo regaço
 Phosphoro momentaneo em luminoso traço,
 França em que se repousa olhando á bella esposa,
 Tal unidos por chamma interior, lá vai,
 De Tiridato, Heleura ao ethereal Sinai.

O como a viagem fez na lan d'Aries ideal
 A' hora da aurora; e a Deus falara em celestial,
 Contente e tão querida a Deus, Heleura-Vida;
 O como penetrara a esphera de harmonias
 Que é de além da de luz, d'essa da luz se faça,
 E após á espirital dos verdadeiros dias,
 Té á da eterna Calma, empyreos Ceus da Graça;
 Onde Hellê viu do Dante a doce Beatriz
 Que a ella correu, beijou, e a quem, olhando as sanctas,
 No relampago a estar, que não se apaga, diz:
 «A ti que não cegaste e que ao Poeta incantas
 «Salve! salve!» lauréis, Daphne lhe tece a gloria

A víram de Tiridato os dias da victoria
 Coroando a altiva fronte.

Os ceus d'este horisonte,
O' Musa, cantarás ! dos ninhos estellares
Haja o mundo a moral do duan d'Eden—Polaris.

.....
Aos que perguntarem, se Heleura é verídica:
Dizei, que é a effigie sagrada, a tão pudica
Aurora que raia, a intrepida, a lyrica;
A musa, dizei-lhes, da nova Republica.

Dizei-lhes: é o gladio voltado p'ra terra,
E a lança co'o phrygio bonet para os ceus,
E o braço de Themis—taes armas de guerra
Que sós resitiram das pátrias aos reus.

Heleura é a musa sempre-aurea juvente
Que ao peito convida dos ceus á soidão
D'onde ama-se ao mundo, d'onde é-se contente,
Sem nada haver d'elle .. salvo um coração !

Cybele coroada de torres—celeste;
Terrestre: a que eleva-se á patria ideal;
E a que de açucenas e risos se veste,
E edeneo a Tiridato incanta o casal.

Polaris os olhos das fixas estellas,
Sinaes sempre ardentes dos rubos em flor,
Que ao mundo conflagram d'eternas scentelhas
Que são d'amaranthos doirados, de amor.

E eu que ao *Livro que voa* azas dei do cometa,
Do sidereo universo igno-espectral propheta:
O livro que não voa, azas a lhe quebrar,
Abro—a virtude o leia, incantador o lar.

.....
Ergueu-se á Liberdade o throno da Verdade.
Da justiça dos ceus fora a conquista-Deus.
Duas vezes liberto o armenio povo faz
De guerra o marche-marche em campo aberto á paz.
E aclarada a consciencia dos casuistas,
Estrondos resoavam das revistas,
Do Arsácida á ascensão. Gloria formou clarão.

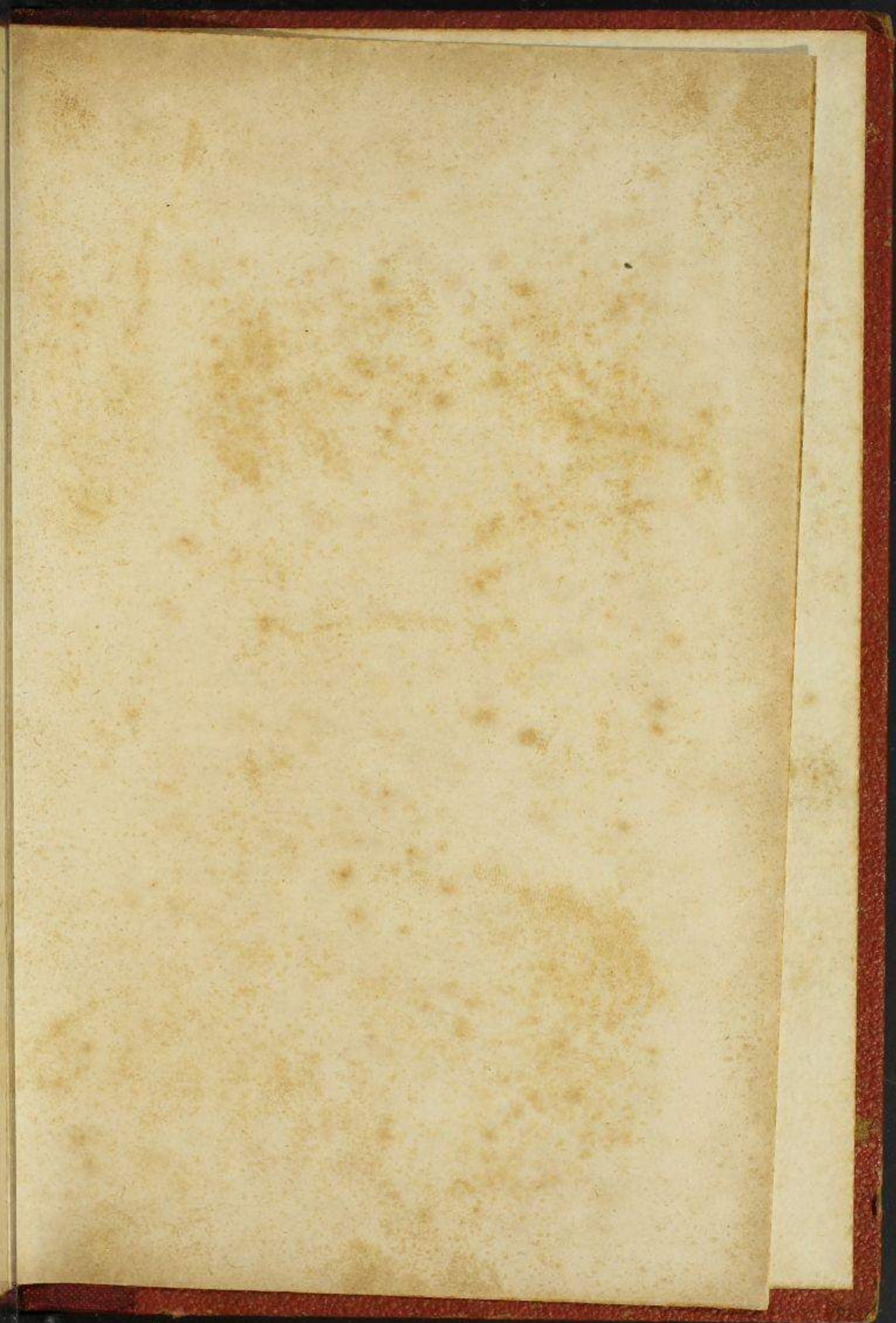
Revolução feliz, qual a dos astros,
Flores, benções: escravos e senhores,
Em justiça e amor se separando;
Todos, da Liberdade á boa vinda,

Sublimes se dizendo o adeus. A terra
Estremecia ao ver chegadas glórias
Das éras, que se creu não chegariam.

Vede o formoso incendio ! o resplendor ideal
Da Liberdade, aos ceus raiando o Novembral !

Da noite de fulgor e a bella hora de sestas,
Ceus reflectente luz, o azul prateando, festas,
E' feito o do descanso, o do Senhor, o dia
Septimo, o em que termina; e do homem principia
O trabalho: e antevê necessidade ás obras
Humanas, ao horizonte as defensoras cobras:
—Janus fechando em paz gloriosos templos seus:
Tiridato houve a Heleura, o novo Eden de Deus.

---Fim---



008326

